

C E E J A



MUNDO DO
TRABALHO

HISTÓRIA

CADERNO DO ESTUDANTE

ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS FINAIS
VOLUME 2



Nos Cadernos do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho/CEEJA são indicados sites para o aprofundamento de conhecimentos, como fonte de consulta dos conteúdos apresentados e como referências bibliográficas. Todos esses endereços eletrônicos foram verificados. No entanto, como a internet é um meio dinâmico e sujeito a mudanças, a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação não garante que os sites indicados permaneçam acessíveis ou inalterados após a data de consulta impressa neste material.

A Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação autoriza a reprodução do conteúdo do material de sua titularidade pelas demais secretarias do País, desde que mantida a integridade da obra e dos créditos, ressaltando que direitos autorais protegidos* deverão ser diretamente negociados com seus próprios titulares, sob pena de infração aos artigos da Lei nº 9.610/98.

* Constituem “direitos autorais protegidos” todas e quaisquer obras de terceiros reproduzidas neste material que não estejam em domínio público nos termos do artigo 41 da Lei de Direitos Autorais.

História : caderno do estudante. São Paulo: Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (SDECTI) : Secretaria da Educação (SEE), 2014.
il. - - (Educação de Jovens e Adultos (EJA) : Mundo do Trabalho modalidade semipresencial, v. 2)

Conteúdo: v. 2. 7º ano do Ensino Fundamental Anos Finais.
ISBN: 978-85-8312-034-6 (Impresso)
978-85-8312-069-8 (Digital)

1. História – Estudo e ensino. 2. Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Ensino Fundamental Anos Finais. 3. Modalidade Semipresencial. I. Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação. II. Secretaria da Educação. III. Título.

CDD: 372.5

FICHA CATALOGRÁFICA

Tatiane Silva Massucato Arias – CRB-8 / 7262





GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Geraldo Alckmin

Governador

**Secretaria de Desenvolvimento Econômico,
Ciência, Tecnologia e Inovação**

Nelson Luiz Baeta Neves Filho

Secretário em exercício

Maria Cristina Lopes Victorino

Chefe de Gabinete

Ernesto Mascellani Neto

*Coordenador de Ensino Técnico,
Tecnológico e Profissionalizante*

Secretaria da Educação

Herman Voorwald

Secretário

Cleide Bauab Eid Bochixio

Secretária-Adjunta

Fernando Padula Novaes

Chefe de Gabinete

Maria Elizabete da Costa

Coordenadora de Gestão da Educação Básica

Mertila Larcher de Moraes

Diretora do Centro de Educação de Jovens e Adultos

Adriana Aparecida de Oliveira

Adriana dos Santos Cunha

Luiz Carlos Tozetto

Virgínia Nunes de Oliveira Mendes

Técnicos do Centro de Educação de Jovens e Adultos

Concepção do Programa e elaboração de conteúdos

Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação

Coordenação Geral do Projeto
Ernesto Mascellani Neto

Equipe Técnica
Cibele Rodrigues Silva, João Mota Jr. e Raphael Lebsa do Prado

Fundação do Desenvolvimento Administrativo – Fundap

Wanderley Messias da Costa
Diretor Executivo

Márgara Raquel Cunha
Diretora de Políticas Sociais

Coordenação Executiva do Projeto
José Lucas Cordeiro

Coordenação Técnica
Impressos: Dilma Fabri Marão Pichoneri
Vídeos: Cristiane Ballerini

Equipe Técnica e Pedagógica
Ana Paula Alves de Lavos, Cláudia Beatriz de Castro N. Ometto, Clélia La Laina, Elen Cristina S. K. Vaz Döppenschmitt, Emily Hozokawa Dias, Fernando Manzieri Heder, Herbert Rodrigues, Laís Schalch, Liliane Bordignon de Souza, Marcos Luis Gomes,

Maria Etelvina R. Balan, Maria Helena de Castro Lima, Paula Marcia Ciacco da Silva Dias, Rodnei Pereira, Selma Venco e Walkiria Rigolon

Autores
Arte: Carolina Martins, Eloise Guazzelli, Emily Hozokawa Dias, Gisa Picosque e Laís Schalch; *Ciências:* Gustavo Isaac Killner, Maria Helena de Castro Lima e Rodnei Pereira; *Geografia:* Cláudia Beatriz de Castro N. Ometto, Clodoaldo Gomes Alencar Jr., Edinilson Quintiliano dos Santos, Liliane Bordignon de Souza e Mait Bertollo; *História:* Ana Paula Alves de Lavos, Fábio Luis Barbosa dos Santos e Fernando Manzieri Heder; *Inglês:* Clélia La Laina e Eduardo Portela; *Língua Portuguesa:* Claudio Bazzoni, Giulia Mendonça e Walkiria Rigolon; *Matemática:* Antonio José Lopes, Marcos Luis Gomes, Maria Etelvina R. Balan e Paula Marcia Ciacco da Silva Dias; *Trabalho:* Maria Helena de Castro Lima e Selma Venco (material adaptado e inserido nas demais disciplinas)

Gestão do processo de produção editorial

Fundação Carlos Alberto Vanzolini

Mauro de Mesquita Spínola
Presidente da Diretoria Executiva

José Joaquim do Amaral Ferreira
Vice-Presidente da Diretoria Executiva

Gestão de Tecnologias em Educação

Direção da Área
Guilherme Ary Plonski

Coordenação Executiva do Projeto
Angela Sprenger e Beatriz Scavazza

Gestão do Portal
Luis Marcio Barbosa, Luiz Carlos Gonçalves, Sonia Akimoto e Wilder Rogério de Oliveira

Gestão de Comunicação
Ane do Valle

Gestão Editorial
Denise Blanes

CTP, Impressão e Acabamento
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Equipe de Produção

Assessoria pedagógica: Ghisleine Trigo Silveira

Editorial: Carolina Grego Donadio e Paulo Mendes

Equipe Editorial: Adriana Ayami Takimoto, Airton Dantas de Araújo, Amanda Bonuccelli Voivodic, Ana Paula Santana Bezerra, Bárbara Odria Vieira, Bruno Pontes Barrio, Camila De Pieri Fernandes, Cláudia Letícia Vendrame Santos, David dos Santos Silva, Jean Kleber Silva, Lucas Puntel Carrasco, Mainã Greeb Vicente, Mariana Padoan de Sá Godinho, Patrícia Pinheiro de Sant'Ana, Tatiana Pavanelli Valsi e Thaís Nori Cornetta

Direitos autorais e iconografia: Aparecido Francisco, Camila Terra Hama, Fernanda Catalão Ramos, Mayara Ribeiro de Souza, Priscila Garofalo, Rita De Luca, Sandro Dominiquini Carrasco
Apoio à produção: Bia Ferraz, Maria Regina Xavier de Brito e Valéria Aranha

Projeto gráfico-editorial e diagramação: R2 Editorial, Michelangelo Russo e Casa de Ideias

Caro(a) estudante

É com grande satisfação que a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, apresenta os Cadernos do Estudante do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho para os Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (CEEJAs). A proposta é oferecer um material pedagógico de fácil compreensão, que favoreça seu retorno aos estudos.

Sabemos quanto é difícil para quem trabalha ou procura um emprego se dedicar aos estudos, principalmente quando se parou de estudar há algum tempo.

O Programa nasceu da constatação de que os estudantes jovens e adultos têm experiências pessoais que devem ser consideradas no processo de aprendizagem. Trata-se de um conjunto de experiências, conhecimentos e convicções que se formou ao longo da vida. Dessa forma, procuramos respeitar a trajetória daqueles que apostaram na educação como o caminho para a conquista de um futuro melhor.

Nos Cadernos e vídeos que fazem parte do seu material de estudo, você perceberá a nossa preocupação em estabelecer um diálogo com o mundo do trabalho e respeitar as especificidades da modalidade de ensino semipresencial praticada nos CEEJAs.

Esperamos que você conclua o Ensino Fundamental e, posteriormente, continue estudando e buscando conhecimentos importantes para seu desenvolvimento e sua participação na sociedade. Afinal, o conhecimento é o bem mais valioso que adquirimos na vida e o único que se acumula por toda a nossa existência.

Bons estudos!

Secretaria da Educação
Secretaria de Desenvolvimento
Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação

APRESENTAÇÃO

Estudar na idade adulta sempre demanda maior esforço, dado o acúmulo de responsabilidades (trabalho, família, atividades domésticas etc.), e a necessidade de estar diariamente em uma escola é, muitas vezes, um obstáculo para a retomada dos estudos, sobretudo devido à dificuldade de se conciliar estudo e trabalho. Nesse contexto, os Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (CEEJAs) têm se constituído em uma alternativa para garantir o direito à educação aos que não conseguem frequentar regularmente a escola, tendo, assim, a opção de realizar um curso com presença flexível.

Para apoiar estudantes como você ao longo de seu percurso escolar, o Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho produziu materiais especificamente para os CEEJAs. Eles foram elaborados para atender a uma justa e antiga reivindicação de estudantes, professores e sociedade em geral: poder contar com materiais de apoio específicos para os estudos desse segmento.

Esses materiais são seus e, assim, você poderá estudar nos momentos mais adequados – conforme os horários que dispõe –, compartilhá-los com sua família, amigos etc. e guardá-los, para sempre estarem à mão no caso de futuras consultas.

Os Cadernos do Estudante apresentam textos que abordam e discutem os conteúdos propostos para cada disciplina e também atividades cujas respostas você poderá registrar no próprio material. Nesses Cadernos, você ainda terá espaço para registrar suas dúvidas, para que possa discuti-las com o professor sempre que for ao CEEJA.

Os vídeos que acompanham os Cadernos do Estudante, por sua vez, explicam, exemplificam e ampliam alguns dos assuntos tratados nos Cadernos, oferecendo informações que vão ajudá-lo a compreender melhor os conteúdos. São, portanto, um importante recurso com o qual você poderá contar em seus estudos.

Além desses materiais, o Programa EJA – Mundo do Trabalho tem um site exclusivo, que você poderá visitar sempre que desejar: <<http://www.ejamundodotrabalho.sp.gov.br>>. Nele, além de informações sobre o Programa, você acessa os Cadernos do Estudante e os vídeos de todas as disciplinas, ao clicar na aba **Conteúdo CEEJA**. Lá também estão disponíveis os vídeos de Trabalho, que abordam temas bastante significativos para jovens e adultos como você. Para encontrá-los, basta clicar na aba **Conteúdo EJA**.

Os materiais foram produzidos com a intenção de estabelecer um diálogo com você, visando facilitar seus momentos de estudo e de aprendizagem. Espera-se que, com esse estudo, você esteja pronto para realizar as provas no CEEJA e se sinta cada vez mais motivado a prosseguir sua trajetória escolar.

TENHO DÚVIDAS JÁ ESTUDEI **Unidade 1 - A Europa depois das revoluções.....9**Tema 1 – Nobres e burgueses: a disputa pelo Estado.....11 Tema 2 – A formação da classe operária.....19 Tema 3 – Novas ideias políticas: liberalismo, socialismo e comunismo.....25 Tema 4 – Novas ideias políticas: nacionalismo..... 33 **Unidade 2 - 1848: a “Primavera dos Povos” 41**Tema 1 – Um ano de profundas mudanças.....41 Tema 2 – A “Primavera dos Povos”.....47 Tema 3 – O resultado das revoluções de 1848.....55 Tema 4 – Novas conquistas dos trabalhadores.....61 **Unidade 3 - A Comuna de Paris..... 65**Tema 1 – O surgimento da Comuna de Paris e seus desdobramentos.....65 Tema 2 – O desfecho da Comuna de Paris.....75 **Unidade 4 - Imperialismo.....85**Tema 1 – Conceito de imperialismo.....86 Tema 2 – Capitalismo monopolista e práticas imperialistas.....93 Tema 3 – A partilha do mundo.....103

Caro(a) estudante,

Neste Caderno do Volume 2, você estudará a História europeia. Por que estudar a Europa? Porque foi nesse continente que se formou o capitalismo, que, aos poucos, expandiu-se pelo mundo, tornando-se o sistema econômico predominante atualmente, inclusive no Brasil.

Você vai estudar a História europeia do final do século XVIII e do século XIX, marcada por duas Revoluções (Industrial e Francesa), cujas consequências se estenderam muito além dos países em que começaram. Nesse período, a industrialização era referência econômica em toda a Europa, enquanto os ideários da Revolução Francesa (liberdade, igualdade e fraternidade) inspiraram uma série de movimentos revolucionários que se espalharam por esse continente. Esta revolução, ao buscar melhores condições de vida e mais direitos para os trabalhadores, bem como maior participação política, acabou influenciando os destinos das sociedades ocidentais até os dias de hoje.

Na Unidade 1, o ponto de partida será a Europa depois da Revolução Francesa. Você vai estudar o processo de formação da classe operária e também o surgimento de ideias políticas que tinham, em certa medida, aspectos comuns com os princípios dessa revolução. Esses novos ideários políticos ficaram conhecidos como liberalismo, socialismo, comunismo e nacionalismo.

Na Unidade 2, você vai estudar a “Primavera dos Povos”, nome dado ao conjunto de eventos revolucionários que aconteceu em diferentes países da Europa em 1848. Você verá como foi esse período, considerado pelos historiadores como um dos mais agitados do século XIX na Europa. Ele serviu como um desabrochar de lutas nacionalistas e também de lutas por direitos trabalhistas.

Na Unidade 3, você estudará a Comuna de Paris de 1871, uma importante revolução dos trabalhadores franceses. Poderá compreender como foi esse momento histórico, em que os trabalhadores, sobretudo os operários, conseguiram impor sua vontade e fazer prevalecer seu poder na organização e gestão da sociedade parisiense.

Por fim, na Unidade 4, você verá como a expansão do capitalismo e a consolidação da sociedade industrial foram fatores que deram origem ao imperialismo.

Para ter sucesso nessa etapa de seus estudos, é importante que você participe ativamente das atividades e das oficinas oferecidas gratuitamente nos CEEJAs. Nelas, é fundamental que você compartilhe sua experiência de vida e seus conhecimentos sobre a realidade, que são muito valiosos e precisam ser aproveitados.

Bons estudos!

TEMAS

1. Nobres e burgueses: a disputa pelo Estado
2. A formação da classe operária
3. Novas ideias políticas: liberalismo, socialismo e comunismo
4. Novas ideias políticas: nacionalismo

Introdução

Duas revoluções marcaram o final do século XVIII e o século XIX: a Revolução Industrial, ocorrida inicialmente na Inglaterra, e a Revolução Francesa. Elas mudaram profundamente o mundo europeu. Caso queira ampliar seus conhecimentos sobre esses assuntos, pesquise-os no Caderno do Volume 1.

A Revolução Industrial alterou radicalmente a forma como os europeus ocidentais produziam as mercadorias, criando o sistema de fábrica e introduzindo máquinas que produziam em maior quantidade e em menor tempo.

A Revolução Francesa, por sua vez, consolidou a burguesia no poder, garantindo a essa classe social, proprietária dos meios de produção, o poder político. Em 1799, por meio de um golpe de Estado, o líder do exército francês, Napoleão Bonaparte, assumiu o poder na França. O governo de Napoleão foi responsável pelo fortalecimento dos ideais burgueses de liberdade, igualdade e fraternidade e pela expansão desses ideais em boa parte da Europa, chegando até a América Latina.

Após a derrota do exército liderado por Napoleão Bonaparte, em 1815, alguns países europeus tentaram restaurar o mundo tal como ele era antes da Revolução Francesa. Isto é, um mundo governado por reis e monarcas absolutos, com poderes totais e com uma população de súditos sem direitos civis ou políticos. Mas isso não foi possível. Os nobres voltaram a entrar em conflito com os burgueses, que estavam cada vez mais fortes mas, ao mesmo tempo, com muito medo de perder os privilégios por causa dos movimentos operários, que cresciam a cada dia.

Com a Revolução Industrial, surgiu uma nova classe social: os proletários, trabalhadores das fábricas que se instalaram nas cidades onde se localizavam as indústrias. Esses operários, entre eles crianças e mulheres, eram submetidos a longas jornadas de trabalho e a condições de vida miseráveis, que não combinavam em nada com os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade defendidos na Revolução Francesa.

No contexto de lutas de classes e conflitos sociais – gerados, em parte, pelas condições miseráveis dos trabalhadores –, surgiram várias propostas para resolver os problemas sociais e políticos daquela época. Muitas delas se baseavam nos ideais da Revolução Francesa, que não haviam sido implantados para todos. Outras propunham mudar radicalmente a sociedade, construindo um mundo diferente, mais justo e igualitário. Havia também aquelas que faziam a defesa da unificação de um povo sob uma nação. Tais propostas ficaram conhecidas como liberalismo, socialismo, comunismo e nacionalismo.

Nesta Unidade, você vai estudar as transformações sociais e políticas mais importantes que ocorreram no século XIX europeu.



População pobre em Londres no século XIX. Xilogravura de Gustave Doré que faz parte da obra *Londres: uma peregrinação*, 1872.



Neste Tema, você estudará as disputas pelo poder político que ocorreram na Europa enquanto o capitalismo se tornava o sistema econômico predominante. Você vai compreender como elas acabaram por influenciar as lutas políticas e as novas formas de organização do Estado em todo o mundo.

 O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Você já ouviu falar da rainha da Inglaterra? Não parece contraditório que justamente o primeiro país em que o capitalismo industrial se consolidou e as ideias liberais se expandiram continue sendo, ainda hoje, uma monarquia?

Escreva, nas linhas a seguir, o que você pensa sobre isso.

Horizontal lines for writing.



A permanência das monarquias

Quando as tropas de Napoleão Bonaparte foram derrotadas na Batalha de Waterloo, em 1815, os líderes europeus entenderam que era necessário achar um novo equilíbrio político para o continente, uma vez que o exército francês havia conquistado uma série de territórios. Isso significava aproveitar o momento para restabelecer a monarquia na França e redefinir as fronteiras territoriais da Europa, retornando-as ao que eram antes do domínio napoleônico.



Robert Alexander Hillingford. *O duque de Wellington em Waterloo*. Óleo sobre tela, 50,8 cm x 76,2 cm. Coleção particular.

Com a volta da monarquia, importantes conquistas sociais e políticas da Revolução Francesa seriam perdidas ou colocadas em risco, entre elas:

- o fim do absolutismo e a instauração de monarquias e repúblicas constitucionais, uma vez que as monarquias absolutistas foram restauradas na Europa;
- o fornecimento de uma base político-ideológica para os movimentos populares de contestação à ordem burguesa;
- o fim da servidão e a afirmação da igualdade jurídica entre todos os cidadãos.

Depois da derrota francesa em Waterloo, os representantes das potências vencedoras (Inglaterra, Prússia, Áustria e Rússia) reuniram-se na Áustria, em uma conferência conhecida como **Congresso de Viena**. Ao final da conferência, ficou decidido que o rei francês Luís XVIII, deposto por Napoleão, seria reconduzido ao trono na França.



VOCÊ SABIA?

No Congresso de Viena, três países reforçaram sua união, formando a Santa Aliança: Prússia, Áustria e Rússia.

Esses países se propuseram a lutar para defender os “preceitos da justiça, da caridade cristã e da paz” e pregaram que as relações entre os países fossem reguladas pelas “elevadas verdades presentes na doutrina de Nosso Salvador”. O idealizador dessa aliança foi Alexandre I, czar russo (“czar” era um título adotado pelos reis da Rússia entre 1546 e 1917). Assim, na realidade, a Santa Aliança pretendia defender o retorno das monarquias na Europa.

Embora a Inglaterra não tenha assinado esse acordo, sua política esteve afinada com a das demais potências. O objetivo comum era acabar com os ideais da Revolução Francesa e garantir a monarquia e a ordem na Europa.

Esse movimento, que tentou, em muitos países da Europa onde ocorreram revoltas liberais, restabelecer o Antigo Regime (monarquias absolutistas), ficou conhecido como **Restauração**.

Embora o poder dos monarcas já não fosse mais absoluto, isto é, embora eles não pudessem mais governar sem obedecer às leis estabelecidas, sua volta aos governos na Europa significou um retrocesso em relação às ideias democráticas e republicanas da Revolução Francesa. No entanto, o retorno de algumas monarquias ao poder não conseguiu evitar a independência das colônias europeias que acontecia naquele mesmo período. Na América, surgiram muitas repúblicas, sendo o Brasil o único país a ter adotado a monarquia, sob o governo do imperador dom Pedro I.

É possível considerar que, em seus primeiros anos, essa aliança contrarrevolucionária das monarquias teve sucesso em conter mudanças radicais na Europa. Mas as pressões por reformas sociais não puderam ser completamente contidas.

Em 1848, na Europa, a situação de exclusão política, econômica e social das camadas populares provocou movimentos revolucionários em diferentes países, como Áustria, Hungria, França e territórios que mais tarde se tornariam a Itália e a Alemanha. Alguns trabalhadores – operários, pequenos comerciantes, artesãos, camponeses e profissionais liberais – uniram-se na luta para que houvesse, de fato, liberdade e igualdade para todos, e não apenas para alguns privilegiados. A Europa vivenciava, então, inúmeros conflitos cada vez mais radicais contra aquelas injustiças e desigualdades.

Uma das reivindicações mais importantes das lutas populares daquele momento era o direito ao voto por **sufrágio universal**. Além das reivindicações políticas, os movimentos revolucionários também pediam reformas sociais, entre elas a reforma agrária.

A radicalização dessas revoltas aconteceu especialmente no ano de 1848, quando trabalhadores, principalmente os operários, influenciados pelas ideias socialistas, saíram às ruas de Paris para protestar contra o desemprego, os baixos salários e as péssimas condições de vida. Eles reivindicavam o direito à greve, a redução da jornada de trabalho e melhores condições de vida.

Essas manifestações acabaram por despertar, na burguesia francesa, o medo de perder o controle político, reconquistado com a coroação de monarcas franceses que governavam de acordo com os interesses da classe burguesa. Desse modo, ela se voltou contra o povo, apoiando as leis que limitavam os direitos dos trabalhadores. Mas – apesar das tentativas de conter os revoltosos – o movimento operário e seus ideais, como o socialismo, expandiram-se não só na França, mas por toda a Europa.

Com a Revolução Francesa, a Revolução Industrial e o triunfo do capitalismo, a própria base da sociedade estava mudando. Entre as mudanças visíveis que ocorreram nos novos tempos, podem-se destacar o surgimento do movimento operário e do nacionalismo.



Se os ideais da Revolução Francesa eram de liberdade e igualdade entre todas as pessoas, você não acha estranho que, após a revolução, os burgueses tenham feito acordos com a monarquia contra a qual lutaram? Também não parece contraditório que a burguesia tenha defendido uma sociedade sem liberdade de escolha para quem não pudesse pagar por serviços e produtos, limitando essa liberdade somente ao consumo e a quem pode consumir? Uma sociedade assim não seria desigual do ponto de vista econômico e político?

Com base nos conteúdos estudados até agora, reflita sobre essas questões.



Sufrágio universal

Possibilidade de todo e qualquer cidadão escolher seus governantes em pé de igualdade, tanto para o poder Executivo, quanto para o Legislativo. No entanto, o indivíduo só é considerado cidadão com base nos critérios predefinidos em lei. Desse modo, a noção de cidadania variou com o tempo: em alguns lugares, cidadãos eram somente as pessoas que possuíam “bens”, isto é, dinheiro e/ou propriedades; em outros, a cidadania estava atrelada ao pagamento de impostos ou à condição de gênero, ou seja, só os homens eram considerados cidadãos. Havia, ainda, a distinção educacional: os analfabetos não podiam votar.

**MOMENTO
CIDADANIA**

Nas sociedades governadas por leis, o responsável por guardá-las é o Estado. Ao se estudar a História, compreende-se que o Estado é uma invenção humana. Mas como e por que ele é formado? Algumas teorias foram feitas para explicar os motivos de sua criação.

Uma dessas teorias, proposta por Thomas Hobbes (pensador inglês que viveu entre os séculos XVI e XVII), sugere que o Estado foi criado para tirar o ser humano do seu “estado de natureza”, no qual o homem seria um ser selvagem e não seguiria nenhuma lei ou regra. Para Hobbes, as sociedades naturais são caóticas porque seus membros têm liberdade sem limites e, por isso, lutam entre si. O Estado, então, é uma força que se coloca acima de todos, organizando as relações entre os humanos e disciplinando-os.

Já no século XVIII, o pensador francês Jean-Jacques Rousseau, defensor das camadas populares, lançou as bases do pensamento democrático, por meio de sua teoria do contrato social. Ele defendia a ideia de que o Estado deve agir de acordo com a vontade do povo; portanto, para Rousseau, o poder é o próprio povo.

No século XIX, o filósofo alemão Karl Marx e, depois, os que compartilhavam as suas ideias consideravam que o Estado é a organização do poder de uns sobre os outros, ou melhor, da classe dominante sobre a classe dominada. Para eles, apesar de as leis pregarem a igualdade de direitos, na prática, esses direitos não são iguais para todos, já que muitas pessoas não têm acesso à justiça, à educação e à saúde, por exemplo. Isso mostra que o Estado serve apenas a alguns.

Mais recentemente, no século XX, Max Weber, um célebre sociólogo alemão, definiu o Estado como aquele que tem o monopólio legítimo da violência. Ou seja, o Estado pode definir o que é certo ou não (lei), julgar o que é certo ou não (sistema judiciário) e punir quem não está dentro da lei.

É importante lembrar que a relação dos cidadãos com o Estado precisa ser compreendida tendo em vista o momento histórico em questão. O estudo da História ajuda a perceber como a ação dos cidadãos em movimentos organizados altera a forma de organização do Estado.



ATIVIDADE 1 A disputa pelo poder político

De acordo com o texto *A permanência das monarquias*, assinale a resposta correta para as perguntas a seguir:

1 Qual foi uma das reivindicações mais importantes das lutas populares para garantir os ideais de liberdade e igualdade da Revolução Francesa?

- a) A volta da monarquia.
- b) A manutenção da república.
- c) O direito de voto por sufrágio universal.
- d) O direito de liberdade comercial entre burgueses e trabalhadores.

2 A independência das colônias europeias na América Latina foi influenciada pelos ideais da Revolução Francesa. Apesar disso, qual foi o regime político adotado no Brasil?

- a) República.
- b) Monarquia.
- c) Coronelismo.
- d) Democracia.

ATIVIDADE 2 O papel do Estado

Quais são os problemas que você identifica no funcionamento do Estado na região em que vive ou no Brasil? São exemplos: falta de segurança pública, diferenças no tratamento pela Justiça, má qualidade dos serviços de saúde e de educação, falta de saneamento etc. Em sua opinião, de que forma tais problemas podem ser resolvidos?





DESAFIO

No contexto histórico da geração de 1848, a França tornou-se palco inicial e de expansão de revoltas em toda a Europa que enfraqueceram definitivamente os movimentos

- a) liberais, que ganhavam força política com a restauração dos Estados Absolutistas.
- b) socialistas, que pregavam o fim da propriedade privada e da sociedade sem classes.
- c) nacionalistas, que procuravam enfraquecer a política intervencionista da Santa Aliança.
- d) conservadores, que procuravam restaurar o Antigo Regime desde o Congresso de Viena.
- e) anarquistas, que defendiam o fim do poder político e o domínio superior do ideal humanista.

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP), 2005. Disponível em: <http://www.puc-campinas.edu.br/websist/portal/graduacao/doc/vestibular/2005/vest2005_ProvaGrupo4.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2014.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - A disputa pelo poder político

1 Alternativa correta: c. Uma das principais reivindicações das camadas populares na França foi o direito ao voto universal, ainda que você tenha de entender esse “universal” com limitações, porque, em 1793, a nova Constituição francesa estabeleceu o voto universal somente aos homens, excluindo, portanto, as mulheres.

2 Alternativa correta: b. A resposta está no parágrafo do texto *A permanência das monarquias* iniciado por “Embora o poder dos monarcas já não fosse mais absoluto, isto é, embora eles não pudessem mais governar sem obedecer às leis estabelecidas...”.

Apesar de as ideias da Revolução Francesa – liberdade, igualdade e fraternidade – e a noção de república influenciarem os movimentos de independência da América Latina, no caso brasileiro, a independência em relação a Portugal manteve a monarquia. Assim, o príncipe herdeiro do trono português, dom Pedro, tornou-se imperador.

Atividade 2 - O papel do Estado

A resposta para essa atividade é pessoal. Não há certo, nem errado, mas é importante que você tenha refletido sobre a questão. Para essa reflexão, você poderia ter pensado a respeito de como o Estado brasileiro garante à população o mínimo necessário em termos de saúde, segurança, educação, mobilidade urbana, entre outros direitos. Poderia ter considerado se esses serviços têm qualidade ou não, e, se não, por quê? A quem interessa que o Estado não funcione?

É notável que, na formação do Estado brasileiro, há problemas históricos que interferem no modo como ele se relaciona com a população e como distribui os recursos públicos que deveriam garantir o bem comum.

Desafio

Alternativa correta: d. Se você errou a resposta, volte a ler o texto *A permanência das monarquias*.

As revoluções de 1848 foram manifestações políticas, derivadas da crise econômica, que marcaram a Europa e se opunham às tentativas de restauração do poder monárquico.



Registro de dúvidas e comentários

Area with horizontal lines for notes and comments.



Neste Tema, você estudará a formação da classe operária na Europa e suas reivindicações para resgatar as promessas de um mundo mais justo e igualitário feitas na Revolução Francesa.

O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Consulte, na Unidade 2 do Caderno do Estudante do Volume 1, as novas classes que surgiram com o capitalismo e após a Revolução Industrial: capitalistas e operários. Você lembra o que caracterizava cada uma?

Escreva, nas linhas a seguir, o que você já sabe sobre esse assunto.

A formação da classe operária e o movimento operário na Europa

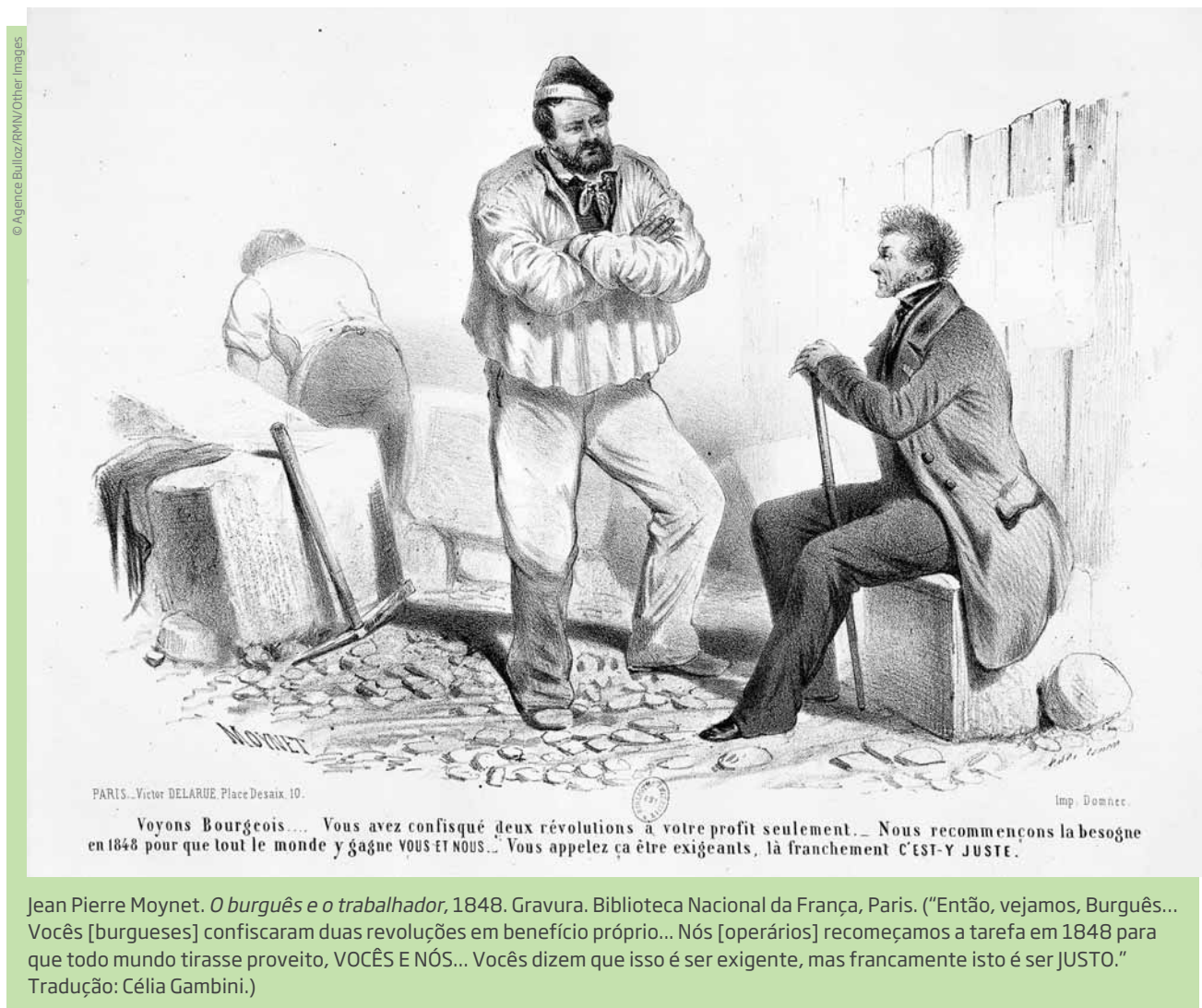
O capitalismo se firmou quando o motor da atividade econômica passou a ser a indústria. Ela introduziu o uso da máquina e estabeleceu a produção em larga escala, feita por um trabalhador que não dominava todo o processo produtivo, mas somente uma única etapa da produção, na qual se especializava. Isso mudou a organização da produção, que deixou de ser predominantemente artesanal, assim como as relações sociais de produção, que também foram profundamente alteradas com o surgimento de duas classes sociais principais: a burguesia, proprietária dos meios de produção, e os operários, que vendiam sua força de trabalho.

DIFERENTES FORMAS DE NOMEAR AS CLASSES SOCIAIS NO CAPITALISMO

- proprietário dos meios de produção = capitalista = burguês = patrão.
- vendedor da força de trabalho = operário = proletário = empregado = trabalhador.

Movimento operário

Com a grande indústria, surgiram os operários. Quando, no final do século XVIII, eles começaram a se organizar coletivamente para lutar por melhores condições de trabalho, apareceram os primeiros movimentos operários.



Como resultado dessa organização política dos trabalhadores, no século XIX, eles formaram associações e criaram sindicatos com o objetivo de reivindicar melhorias nas condições de trabalho nas fábricas e de lutar por leis trabalhistas que os protegessem da exploração dos patrões.

Quando os operários decidiram se mobilizar para lutar não apenas por melhorias nas fábricas, mas também para mudar a sociedade, foram criados os primeiros partidos organizados por trabalhadores.

Com o passar do tempo e com as transformações do capitalismo, muitos trabalhadores empregaram-se fora das fábricas, em múltiplas ocupações e formas de trabalho. No entanto, permaneceu a oposição básica entre:

Proprietários dos meios de produção (capitalistas)

×

Classe operária (que vende sua força de trabalho)

Você sabe em que país surgiram as primeiras organizações operárias?

Para responder a essa questão, é importante lembrar-se de que o primeiro país a se industrializar foi a Inglaterra. E foi justamente nesse país que ocorreram as primeiras manifestações de trabalhadores.

A forma de organização mais importante dos trabalhadores ingleses, no começo do século XIX, foi o “cartismo”, iniciado a partir da década de 1830. O movimento levou esse nome porque pressionou insistentemente o governo com reivindicações que foram registradas em um “plano” ou “carta”. Em 1842, os representantes do movimento cartista entregaram uma carta com mais de 3 milhões de assinaturas, com suas principais reivindicações. O Parlamento inglês recusou a petição e os cartistas declararam greve geral. Ao final dos conflitos, os líderes do cartismo foram duramente reprimidos.



Cartistas lutam contra a polícia. Xilografia integrante do livro *Histórias verdadeiras do reino da rainha Victoria*, de Cornelius Brown, 1886.

Os seis pontos da *Carta do Povo* (*People's Charter*, em inglês), elaborada pelos cartistas, são os seguintes:

Carta do Povo

1. **Um voto** para todo homem maior de 21 anos, com domínio de suas faculdades mentais e que não esteja cumprindo pena por crime cometido.
2. **A cédula** para proteger o eleitor no exercício de seu voto.
3. **Sem necessidade de qualificar os membros do Parlamento por propriedade**, permitindo, assim, que os eleitores reelejam o indivíduo de sua escolha, seja rico, seja pobre.
4. **O pagamento aos membros do Parlamento** quando esses interrompam suas atividades para atender aos interesses do país, permitindo, assim, que um comerciante, trabalhador ou qualquer outra pessoa honesta possa servir a seus eleitores.
5. **Base eleitoral igualitária** assegurando representatividade igual para o mesmo número de eleitores, em vez de permitir que pequenas bases eleitorais se imponham sobre os votos de bases maiores.
6. **Parlamentos anuais** que apresentem controle mais eficaz contra suborno e intimidação, já que, apesar de ser possível comprar uma base eleitoral a cada sete anos (mesmo com a cédula eleitoral), não haveria dinheiro suficiente para comprar uma base (sob o regime do sufrágio universal) a cada 12 meses. Os membros seriam eleitos por apenas um ano e não seria possível ignorar ou trair seus eleitores como hoje.

CARTA do Povo. Associação dos Operários, 1838. Disponível em: <<http://www.chartists.net/the-six-points.htm>>. Acesso em: 26 fev. 2014. Tradução: Eloisa Pires.



Releia os pontos reivindicados pelos cartistas. Analisando ponto por ponto, imagine qual era a situação que eles queriam mudar. Por exemplo: se eles pediram sufrágio universal masculino, ou seja, o direito de voto a todos os homens adultos, pode-se deduzir que esse direito não existia. Quem votava então?

Pense em cada um dos pontos e imagine como era a política na Inglaterra e em outros países naquela época. Você acha que depois das revoluções burguesas (Industrial e Francesa) o mundo tinha se tornado mais justo e igualitário?

ATIVIDADE 1 Política e movimento operário

Com base no texto *A formação da classe operária e o movimento operário na Europa* e nas reivindicações dos cartistas que aparecem na *Carta do Povo*, descreva como funcionava a política na Inglaterra e em países capitalistas, monárquicos ou republicanos na época. Para isso, responda às seguintes questões: Quem exercia o poder político? Quem estava de fora? O que os cartistas queriam? Como o governo reagia às manifestações dos operários?

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Política e movimento operário

Como essa era uma questão aberta (sem respostas prontas), você poderia tê-la respondido de diferentes formas. No entanto, ela pedia para que você se remetesse ao texto *A formação da classe operária e o movimento operário na Europa* e às reivindicações dos cartistas; então, seja qual tenha sido sua resposta, ela deveria contemplar os seguintes pontos:

- é possível notar que os cartistas, por meio de suas reivindicações, defendiam a participação dos trabalhadores do sexo masculino na política. Com isso, é possível entender que, nessa época, na Inglaterra e em outros países capitalistas, a política era um assunto dos homens de posses (só os ricos podiam votar e ser eleitos);
- os cartistas propuseram uma série de medidas para democratizar a política e permitir a participação dos trabalhadores. Por exemplo: do ponto de vista dos militantes desse movimento, era necessário que um parlamentar tivesse um salário – caso contrário, um deputado que saísse da fábrica para ocupar um lugar no Parlamento não teria como sobreviver;
- essas reivindicações não foram atendidas pelo Parlamento, que reprimiu duramente os cartistas. Demorou mais de 20 anos para que elas fossem aceitas.

Neste Tema, você conhecerá a origem e as características de um conjunto de ideias – o socialismo e o comunismo – que surgiu com a formação da classe operária e com as transformações ocorridas na Europa e no mundo ao longo do século XIX. Essas ideias influenciam a história política até os dias de hoje.

O QUE VOCÊ JÁ SABE?

O que você sabe sobre socialismo? E sobre comunismo? Existem diferenças entre socialismo e capitalismo?

Talvez você não conheça esses nomes, mas já deve ter ouvido falar em países como Cuba, ou ainda sobre a extinta União Soviética; países em que a produção e a oferta de serviços essenciais para garantir os direitos da população não são privadas, mas totalmente públicas e administradas pelo Estado.

Tente se lembrar de alguma notícia sobre esses países e escreva, nas linhas a seguir, o que você sabe sobre o assunto.

Liberalismo *versus* socialismo

A Revolução Industrial nasceu na Inglaterra, mas esse não foi o único país europeu a se industrializar. No começo do século XIX, países como França, Bélgica e Holanda também desenvolveram suas indústrias e, com isso, assistiram ao crescimento da classe operária.

Essas transformações provocaram mudanças no pensamento da sociedade. Como elas afetavam tanto a classe dominante como a dos trabalhadores, surgiram novos ideários políticos que representavam os interesses dessas duas classes. Essas ideias políticas ficaram conhecidas como **liberalismo** e **socialismo**. É possível dizer que ambas têm relação com a Revolução Francesa, embora tenham caminhado em direções opostas ao longo do século XIX.

Liberalismo

O liberalismo, já presente no final do século XVIII, representa as ideias políticas que servem de base ao capitalismo. Ele pode ser definido como um conjunto de princípios e teorias políticas cujo ponto central é a garantia e a defesa da propriedade privada e das liberdades política e econômica.

A liberdade política é, principalmente, o direito à livre expressão do indivíduo. Já a liberdade econômica significa deixar que o mercado regule a economia (livre mercado), diminuindo a participação do Estado. Nesse sentido, são princípios do liberalismo:

- defesa da propriedade privada;
- participação mínima do Estado nos assuntos econômicos;
- igualdade perante a lei (Estado de direito);
- lei da oferta e da procura, que regula o mercado. Por um lado, quando a oferta de um determinado produto é maior do que a procura para seu consumo, a tendência é que os preços caiam. Por outro lado, se a oferta for menor que a procura, a tendência é o aumento do preço da mercadoria.

Esses princípios têm uma relação próxima com as bandeiras da Revolução Francesa. Isso porque, além da noção de “liberdade” (central no liberalismo), a ideia de igualdade civil perante a lei também estava presente na revolução. É justamente aí que está a diferença em relação ao pensamento socialista que começava a se formar no século XIX, pois, para este, não bastava a igualdade perante a lei, era preciso haver também igualdade social e econômica.

O pensamento socialista

O pensamento socialista serviu de base para o movimento operário do século XIX. Duas correntes de pensamento se destacaram: os socialistas utópicos e os socialistas científicos. Apesar de suas diferenças, essas teorias reivindicavam uma sociedade mais justa e igualitária.

Com o avanço das lutas sociais, surgiram movimentos que não acreditavam que os próprios capitalistas realizariam a igualdade social. Para alcançar esse objetivo, algumas correntes socialistas julgavam necessário acabar com a propriedade privada, pois esta era a fonte de poder dos capitalistas e, de acordo com as ideias socialistas, a causa da exploração e da miséria dos trabalhadores.

Socialismo científico

Em meados do século XIX, Karl Marx e Friedrich Engels desenvolveram um trabalho intelectual e militante que possibilitou novos rumos ao socialismo. Eles acreditavam que a solução para os problemas sociais viria da observação atenta da realidade em que a classe trabalhadora vivia. Esses autores fundaram o denominado **socialismo científico**, em oposição aos pioneiros do chamado **socialismo utópico**.

Em termos gerais, o socialismo científico propõe o fim da propriedade privada. As fábricas, as terras, as máquinas etc. seriam desapropriadas dos capitalistas para serem administradas pelos trabalhadores, o que provocaria uma socialização dos meios de produção e, com isso, o fim da desigualdade social. A ideia era que, sem a propriedade privada dos meios de produção, ou seja, se não houvesse um dono dos meios de produção, a sociedade se tornaria igualitária, já que tudo seria de todos.



Utópico

Relativo à utopia: sonho ainda não realizado; uma fantasia baseada na esperança de que algo que ainda não existe um dia existirá; um mundo ideal ou mundo dos sonhos.



VOCÊ SABIA?

Os franceses Claude-Henri de Rouvroy, o conde de Saint-Simon (1760-1825), e Charles Fourier (1772-1837) e o inglês Robert Owen (1771-1858) são considerados os primeiros socialistas do século XIX.

Eles formularam ideias de renovação social apoiadas na boa vontade das pessoas, inclusive dos capitalistas, em transformar, aos poucos, o capitalismo. Outros socialistas que vieram depois deles, como os alemães Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), consideravam essas ideias simpáticas, mas impossíveis de serem realizadas, pois não se poderia contar com a boa vontade dos capitalistas em abrir mão de suas riquezas em favor da classe operária. Por isso, os chamaram de “socialistas utópicos”.



© RMN/Other Images

Karl Marx e Friedrich Engels trabalhando no livro “O Capital”, em Londres. Gravura de N. Shukow, 1867.

Socialismo e comunismo

Para Marx e Engels, o socialismo era uma fase de transição do capitalismo para o comunismo. Essa fase de transição seria caracterizada pela existência do Estado controlado pelos próprios trabalhadores, chamado de **ditadura do proletariado**. O Estado existiria para concentrar e administrar todas as fábricas, as

terras, as máquinas e as propriedades que estavam nas mãos dos capitalistas. Quando fosse atingido o ideal de sociedade igualitária, sem propriedade privada dos meios de produção, o Estado poderia ser extinto. Só assim surgiria uma sociedade comunista.

Portanto, na sociedade comunista, a propriedade privada, as classes sociais e o próprio Estado deixariam de existir. Assim, o governo não seria mais feito por políticos profissionais e funcionários públicos, nem mesmo pela ditadura do proletariado, mas sim pelos próprios cidadãos por meio da participação em associações e cooperativas.

Como é muito grande a distância entre o mundo capitalista e a proposta comunista, os defensores dessa proposta não acreditavam que tal mudança pudesse acontecer rapidamente. Por isso, pensando na transição do feudalismo para o capitalismo, que levou séculos, eles achavam que a passagem do capitalismo para o comunismo também seria demorada.

Desde o século XIX, essas teorias vêm tendo grande importância para as lutas dos trabalhadores organizados em partidos políticos. Contudo, o comunismo, tal como Marx e Engels propuseram para o movimento operário, até hoje não se realizou.

As principais ideias sobre o socialismo científico estão no documento elaborado por Marx e Engels, chamado *Manifesto comunista* e publicado em 1848. Esse documento influenciou muito os trabalhadores daquela época e, até hoje, inspira todos aqueles que criticam o capitalismo. Para Marx e Engels, era importante encontrar, dentro da própria sociedade capitalista, as forças capazes de fazer as mudanças. Para eles, a força capaz de alterar a sociedade capitalista era a luta de classes, a luta entre capitalistas e operários, entre a burguesia e o proletariado.



ASSISTA!

História – Volume 2

O encontro do século

O vídeo apresenta um encontro imaginário entre os pensadores Adam Smith e Karl Marx. Nesse encontro, eles expõem seus pontos de vista sobre o capitalismo e o socialismo. É fundamental que você o veja porque, além de divertido, o vídeo é uma excelente forma de entender essas ideias políticas.

PARA SABER MAIS



Manifesto comunista

As transformações ocorridas na Europa e no mundo ao longo do século XIX foram impulsionadas, inclusive, pela formação da classe operária.

Foi nesse contexto que Marx e Engels formularam o *Manifesto comunista* (1848), no qual discutiram a natureza histórica da luta de classes entre burguesia e proletariado e apontaram a revolução operária como única alternativa para, a longo prazo, promover a conquista da democracia, a transformação radical de todo o modo de produção e a instituição do comunismo. Para tanto, os autores apresentaram algumas medidas que poderiam ser postas em prática, deixando claro que nem todas deveriam ser iguais para todos os países. São elas:

1. Expropriação de todas as propriedades latifundiárias privadas (pertencentes à burguesia) em benefício do Estado e aplicação de todo o rendimento proveniente do uso da terra para fins públicos.
2. Aplicação de imposto de renda intensamente progressivo.
3. Abolição de todos os direitos de herança.
4. Confisco da propriedade de todos os emigrados e revoltosos (ou seja, daqueles que se opuserem à revolução).
5. Centralização do crédito nas mãos do Estado, por meio de um banco nacional com capital do Estado e monopólio exclusivo.
6. Centralização de todos os meios de comunicação e transporte nas mãos do Estado.
7. Multiplicação de fábricas e instrumentos de produção pertencentes ao Estado, cultivo das terras ociosas e melhoria das terras cultivadas, de acordo com um plano comum.
8. Instituição de trabalho obrigatório para todos e organização de **exércitos industriais**, particularmente para a agricultura.
9. Associação do trabalho agrícola com as indústrias de manufatura, para a eliminação gradual da distinção entre cidade e campo.
10. Educação pública e gratuita para todas as crianças e abolição do trabalho infantil nas fábricas, tal como é praticado atualmente [à época da produção do documento]. Combinação da educação com a produção industrial etc.



Exército industrial

Grande contingente de operários treinados para o trabalho de cunho industrial, seja nas fábricas, seja no campo mecanizado (isto é, agricultura com tecnologia industrial).

Fonte: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*, 1848. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2273>. Acesso em: 26 fev. 2014.

ATIVIDADE 2 Duas visões sobre o poder dos trabalhadores

Com base no que você estudou até aqui, responda: Como você definiria o comunismo? Quais são as diferenças entre ele e o socialismo?

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Liberalismo *versus* socialismo

Características do liberalismo e do capitalismo	Características do socialismo
<ul style="list-style-type: none"> • o liberalismo representa as ideias políticas que servem de base para o capitalismo; • defende as liberdades política e econômica, entre elas a liberdade de expressão do indivíduo e a liberdade de comércio; • garante e defende a propriedade privada; • defende que o mercado regule a economia, restringindo a participação do Estado (livre mercado e governo limitado); • defende a igualdade perante a lei (Estado de direito), mas não a igualdade econômica e social, pois acredita que cada indivíduo é responsável por sua situação social e econômica. Por isso, não tem como centro de suas preocupações a situação de miséria e pobreza da maioria da população trabalhadora. 	<ul style="list-style-type: none"> • o socialismo reivindica uma sociedade mais justa e igualitária; • julga necessário acabar com a propriedade privada. Segundo o socialismo, as fábricas, as terras e as máquinas deveriam pertencer aos trabalhadores. Já os meios de produção não pertenceriam mais aos capitalistas, mas a toda a sociedade; • defende um Estado constituído por trabalhadores, para governar e regular a economia de acordo com os interesses dos trabalhadores; • defende o imposto de renda progressivo; ou seja, quem ganha menos paga menos; • defende a abolição do direito de herança, para ninguém começar a vida com mais oportunidades que os outros; • defende educação gratuita para todas as crianças em escolas públicas e abolição do trabalho infantil nas fábricas.



Atividade 2 - Duas visões sobre o poder dos trabalhadores

O comunismo é a etapa final do socialismo, na qual os conceitos de propriedade privada, classes sociais e Estado seriam extintos. Os próprios cidadãos dividiriam as tarefas econômicas (de produção) e políticas (de governo) de forma organizada.

Já o socialismo seria o período de transição entre o capitalismo e o comunismo, no qual o Estado concentraria todos os meios de produção que estavam, anteriormente, nas mãos dos capitalistas. Seria um “Estado dos trabalhadores”.



Registro de dúvidas e comentários

Lined area for writing notes and comments.



Neste Tema, você estudará o nacionalismo, um conjunto de novas ideias políticas que também surgiram com as transformações ocorridas na Europa e no mundo durante o século XIX. O nacionalismo, assim como as teorias socialistas e comunista apresentadas no Tema 3, influencia a história política até os dias de hoje.

O QUE VOCÊ JÁ SABE?

O que é nacionalismo para você? É somente torcer para a seleção brasileira nos jogos de futebol? É amar seu país e defendê-lo, fazendo tudo o que o governo pede?

Escreva, nas linhas a seguir, o que você pensa sobre esse assunto.

Nacionalismo

Você já deve ter visto diferentes bandeiras e hinos nacionais, especialmente durante competições esportivas internacionais, como as Olimpíadas ou a Copa do Mundo. Você está acostumado a viver em um mundo onde a existência dos países é considerada óbvia. Mas saiba que, por mais estranho que pareça, os países nem sempre existiram!

As nações, com suas fronteiras, línguas e símbolos culturais, foram, em sua maioria, uma “invenção” do século XIX. Mesmo em países que hoje são considerados



História – Volume 2

A invenção das nações

Esse vídeo retrata uma partida de futebol, na qual bandeiras e outros símbolos pátrios revelam o sentimento das pessoas sobre suas nacionalidades. Ele demonstra que a criação das nações é relativamente recente e que responde a interesses econômicos e políticos. Para tanto, trata do nacionalismo, uma das expressões ideológicas que ajudaram a moldar os rumos das sociedades a partir do século XIX.

muito antigos, como a Inglaterra ou a Suíça, até o século XVIII, as pessoas não tinham o sentimento de serem “inglesas” ou “suíças”. Essa identificação das pessoas com as nações foi construída ao longo do século XIX.

Mas o que define uma nação?

Essa é uma pergunta difícil, pois não existe um critério claro e único para respondê-la. Para ilustrar essa dificuldade, vale examinar alguns dos aspectos normalmente associados à ideia de nação.

- **Uma mesma língua (ou unidade linguística)** – Em um país, pode-se falar mais de uma língua. Na Suíça, Espanha e África do Sul, por exemplo, diversas línguas convivem. Na América Latina, o Paraguai é um país oficialmente bilíngue e, no México e no Peru, há línguas indígenas vivas, isto é, que ainda hoje são faladas. Por outro lado, uma mesma língua pode ser falada em vários países, como acontece, por exemplo, com o português, que é falado no Brasil, em Portugal e em outras regiões. Portanto, só a unidade linguística não é suficiente para caracterizar uma nação, ou seja, falar a mesma língua que alguém não significa que você pertence à mesma nação que essa pessoa.
- **Uma mesma origem histórica** – A história do norte da Índia é muito diferente da história do sul desse país, assim como ocorre entre as diferentes regiões da Itália. Por sua vez, a América Espanhola tem similaridades em sua história, embora a região abrigue países diversos. Por isso, esse também não é um critério exclusivo para definir uma nação.
- **Uma mesma genética** – A ciência tem mostrado que a ideia de “pureza racial” é um mito, porque é impossível distinguir um grupo social de outro com base em características genéticas. Por isso, nenhuma tentativa de utilizar o aspecto genético para definir uma nação pode ser considerada válida.
- **Uma mesma etnia** – Em muitos países, diferentes etnias convivem, o que impede definir uma nação com base na questão étnica.
- **Uma mesma cultura** – Considerando que, em uma mesma região, coexistem diferentes grupos culturais e que a cultura se modifica com a História, não há como definir uma cultura nacional única de um país.

A complexidade desses aspectos mostra que eles não são suficientes para justificar como se constitui uma nação; ou seja, não é pela língua, pela história, pela etnia, pela genética ou pela cultura que um grupo de pessoas pertence a uma mesma nacionalidade. Sendo assim, é possível concluir que o conceito de nação não surgiu naturalmente. Na realidade, a ideia de nação é uma invenção humana movida por interesses políticos e econômicos.

Foi no século XIX que o conceito de nação começou a ser definido, pois foi nesse período que as nações começaram a se constituir. Mas, como esse conceito

era algo recente, as pessoas não se sentiam como pertencentes à nação, ou seja, elas não possuíam um sentimento nacional que as tornasse leais e devotas à nação, como previa a Revolução Francesa. Era preciso criar esse sentimento. Por isso, no século XIX, vários intelectuais passaram a discutir quais aspectos poderiam justificar a constituição de uma nação ou o pertencimento a ela. Daí a tentativa de justificá-la com critérios, como língua, história, cultura etc. Mas como você viu, esses aspectos nem sempre existiam, o que exigiu, muitas vezes, que eles fossem criados e até impostos aos povos. Por exemplo:

- escritores contribuíram para a construção do sentimento nacional, por meio de obras que enfatizavam o amor pela pátria e a devoção à nação;
- linguistas, filólogos e gramáticos sistematizaram os idiomas que foram, em geral, impostos como oficiais a uma determinada nação;
- historiadores procuraram identificar um passado comum que justificasse historicamente a nação que se estava construindo naquele momento.

Esses escritores, linguistas e historiadores, muitas vezes, acabaram por ajudar a consolidar os movimentos nacionalistas.

O nacionalismo tem uma trajetória curiosa. Quando surgiu, no começo do século XIX, ele estava ligado aos ideais da Revolução Francesa. Você se lembra de que a revolução declarou que o poder político vinha do povo e da nação, e não de Deus? Esse princípio propunha a substituição da fidelidade ao rei pela lealdade à pátria.

Nesse contexto, o nacionalismo, muitas vezes, se associou às lutas contra o Antigo Regime, ou seja, constituir a nação era sinônimo de estabelecer a república e acabar com a monarquia. Por esse motivo, é possível dizer que o nacionalismo batalhava pela *democratização da sociedade*. Lembre-se de que a Revolução Francesa estabeleceu a igualdade jurídica entre as pessoas, que serviu de base para criar a noção de *cidadão*. Segundo essa noção, todos, e não apenas os ricos, poderiam participar da política.

Assim, no seu início, o nacionalismo andava de mãos dadas com a Revolução Francesa. Mas, pouco mais de um século depois, já no século XX, ele foi usado como uma ideia que, muitas vezes, se opunha à democracia e às revoluções na Europa. Esse é o caso do nazismo na Alemanha, um regime fortemente nacionalista, mas antidemocrático, que perseguiu diferentes etnias e ideias políticas consideradas inimigas da nação alemã, chacinando milhões de pessoas por isso.

Por outro lado, o nacionalismo serviu de combustível para a luta de muitos povos que, no século XX, ainda permaneciam como colônias, principalmente na Ásia e na África. Argélia, Marrocos e Costa do Marfim, na África, e Indonésia e Vietnã, na Ásia, são alguns desses países que conquistaram sua independência ao longo do século XX.

É importante observar que o nacionalismo se expressava por meio de propostas concretas que seguiam dois caminhos:

- unificação de povos até então separados, como no caso da Itália e da Alemanha;
- separação de povos que faziam parte de impérios existentes, como aconteceu com os tchecos e os húngaros, submetidos ao Império Austríaco.

No começo do século XIX, o território que hoje se chama Alemanha era um conjunto de 39 Estados soberanos. A situação da Itália era similar, com oito Estados independentes.

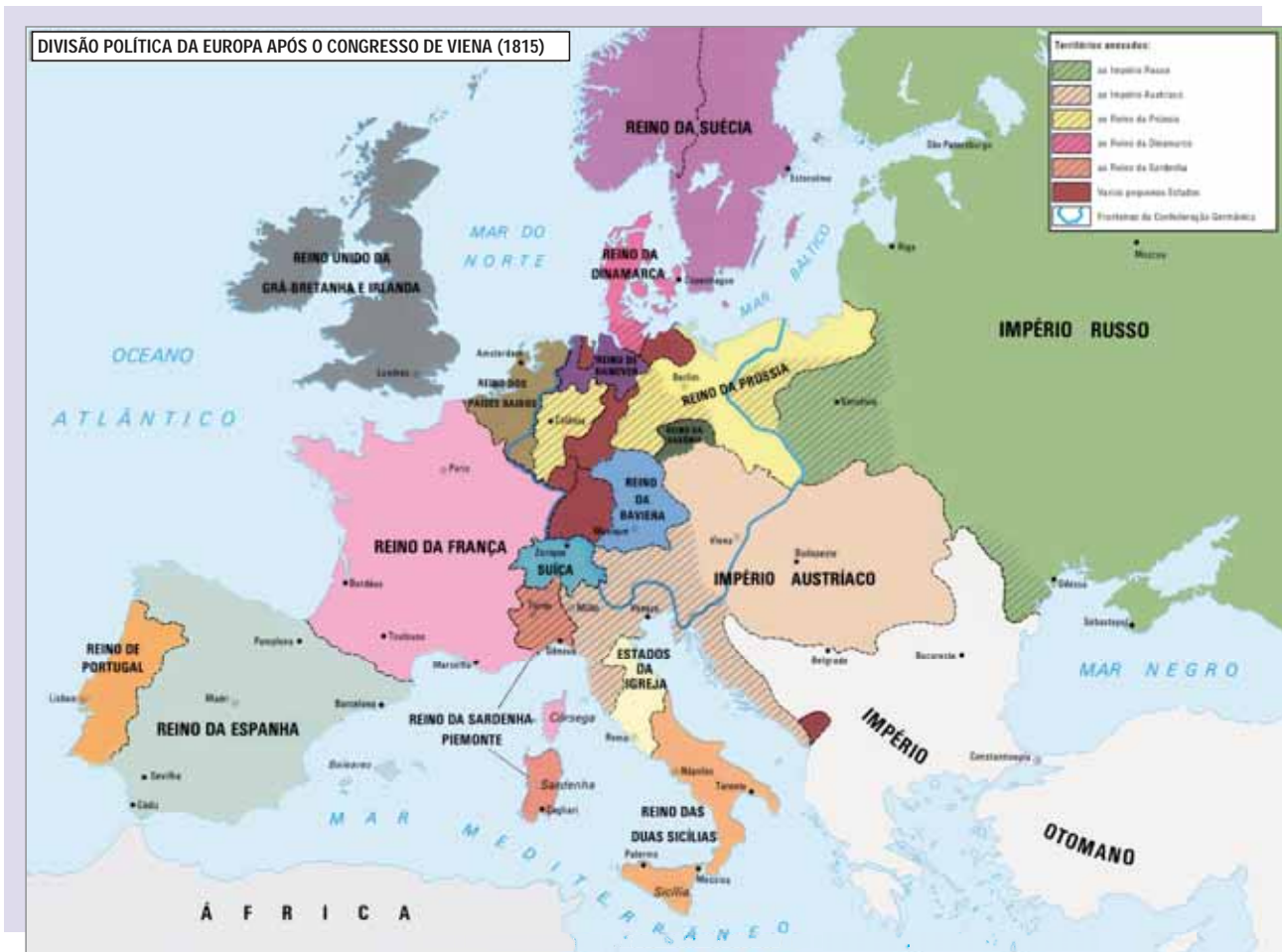
No caso alemão, o passo decisivo para forjar a unidade foi econômico, por meio da “união alfandegária”, que derrubou as barreiras mercantis entre os Estados e desenvolveu o capitalismo no país. A formação da Alemanha (assim como a da Itália) foi um processo turbulento que só se realizou na década de 1870.

Outra possibilidade para formar uma nação seria: em lugar de juntar vários territórios menores, juntar diferentes regiões de impérios para lutar contra o império que os dominava, reivindicando a independência dessas regiões para se tornarem nações independentes. Um exemplo disso aconteceu na própria América, no começo do século XIX. Na mesma época em que o Brasil declarou sua independência, separando-se do Império Português (1822), surgiram novos países no território que constituía o Império Espanhol, como a Argentina, o Chile, o Paraguai e muitos outros.

Portanto, nações podem ser formadas reunindo-se populações dispersas em vários Estados ou separando-se uma população de um Estado maior.

ATIVIDADE 1 Jogo das diferenças

Veja, na sequência, dois mapas da Europa: um do começo do século XIX e outro do começo do século XX (antes da 1ª Guerra Mundial). O que mudou?



ARRUDA, José Jobson de A. *Atlas histórico básico*. São Paulo: Ática, 2008, p. 25. Mapa original.



Fonte: SHEPHERD, William R. *The Historical Atlas*. New York: Henry Holt and Company, 1911. Disponível em: <http://www.lib.utexas.edu/maps/historical/shepherd/europe_1911.jpg>. Acesso em: 13 mar. 2014.



Registre, nas linhas a seguir, suas observações sobre os mapas da página anterior.

Lined writing area for student observations.

ATIVIDADE 2 Características do nacionalismo

Marque com um "X" quais seriam as principais características do nacionalismo:

- a) Substituição da fidelidade ao rei ou a um governante pela lealdade à pátria.
b) Defesa da propriedade privada e das liberdades individuais.



- c) Luta por uma sociedade mais justa e igualitária para os trabalhadores de todas as nações.
- d) Defesa da igualdade jurídica e política para os membros de uma mesma nação.
- e) Defesa da unificação de povos considerados pertencentes a uma mesma nação, com características comuns – a mesma língua, a mesma origem histórica ou características genéticas semelhantes, mas principalmente a mesma cultura.
- f) Defesa da não intervenção do Estado na economia.
- g) Defesa da desapropriação das terras, fábricas etc., passando estas para a administração do Estado, governado pelos trabalhadores.



Neste Tema, você estudou que os atuais países nem sempre existiram.

Nos últimos anos, a formação de novos blocos econômicos entre países é um fenômeno cada vez mais comum, fato que vem diminuindo a importância das fronteiras nacionais. Por exemplo, na Europa, mais da metade dos países do continente tem a mesma moeda, o euro, e pertencem à União Europeia. Na América do Sul, constituiu-se o Mercosul.

Será que os países, tal como existem hoje, deixarão de existir?

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Jogo das diferenças

Alguns aspectos importantes a serem observados são:

- a unificação de determinados territórios, países e reinos para a formação de um único Estado-nação (como no caso da Itália e Alemanha);
- a fragmentação de outros territórios, especialmente no centro-leste europeu, para a formação de diversos Estados-nação (como ocorreu com os impérios austríaco e otomano, por exemplo).

A comparação entre esses dois mapas ajuda a entender que o mundo e as nações atuais foram moldados em períodos anteriores, ou seja, não são naturais, mas sim resultado de uma construção histórica com base em interesses políticos, econômicos etc.

Atividade 2 - Características do nacionalismo

Alternativas corretas: a, d e e.

1848: A "PRIMAVERA DOS POVOS"

TEMAS

1. Um ano de profundas mudanças
2. A "Primavera dos Povos"
3. O resultado das revoluções de 1848
4. Novas conquistas dos trabalhadores

Introdução

Nesta Unidade, você estudará um dos anos mais agitados do século XIX na Europa: 1848. Nesse ano, ocorreram movimentos revolucionários na maior parte do continente europeu.

Esse conjunto de eventos, considerado um despertar de disputas nacionalistas, mas também de lutas dos trabalhadores, ficou conhecido como "Primavera dos Povos".

A seguir, você vai conhecer os principais eventos históricos que marcaram esse período.

Um ano de profundas mudanças **TEMA 1**

Neste Tema, você estudará as principais reivindicações políticas e sociais e as circunstâncias históricas que permitiram o surgimento das várias revoltas e revoluções no ano de 1848, além de suas consequências para todo o século XIX.


O QUE VOCÊ JÁ SABE?

De acordo com o que você estudou na Unidade 1, responda: Em sua opinião, quais foram as causas de tamanha agitação na Europa em 1848?

As revoltas sociais e políticas de 1848

Você estudou, na Unidade 1, que o desenvolvimento do capitalismo e da grande indústria provocou mudanças nas relações de trabalho. Essas mudanças, por sua vez, geraram novas formas de organização dos trabalhadores, acompanhadas de ideias originais que propunham transformações sociais.

Você também viu que, além das propostas socialistas assumidas por trabalhadores e do conjunto de ideias liberais que estavam associadas aos burgueses, o nacionalismo evoluiu como um novo componente da identidade social. Mas ainda é preciso conhecer os fatores que deram origem às revoltas sociais que surgiram em 1848.



Felix Philippoteaux. *Lamartine rejeita a bandeira vermelha*, 1848. Óleo sobre tela. Museu da Cidade de Paris, França.

Os acontecimentos e sentimentos que muitos europeus vivenciavam nesse período podem ser exemplificados com a fala de Alexis de Tocqueville, um político francês, na tribuna da Câmara dos Deputados, no início de 1848:

[...] Esta é, Senhores, minha profunda convicção; acredito que, na hora atual, estamos dormindo sobre um vulcão. [...]

Será que não percebem – como dizer? – que um vento de revolução está no ar? Este vento, não sabemos onde nasce, de onde vem, nem, creiam, quem arrasta com ele; e é em tempos como esses que os senhores se mantêm calmos diante da degradação da moral pública, pois a palavra não é forte demais. [...]

TOCQUEVILLE, Alexis de. *Discurso na Câmara dos Deputados*, 27 de janeiro de 1848. Assembleia Nacional Francesa. Disponível em: <<http://www.assemblee-nationale.fr/histoire/Tocqueville1848.asp>>. Acesso em: 26 fev. 2014. Tradução: Célia Gambini.

Tais palavras são tão ilustrativas que, poucas semanas depois, elas se realizaram. Uma revolta armada derrubou a monarquia francesa e a república foi novamente proclamada. Mas os acontecimentos não se restringiram à França: a revolução tinha começado em boa parte do continente, atingindo todos os países do centro da Europa ao mesmo tempo.

Os eventos de 1848, que ficaram conhecidos como “Primavera dos Povos”, afetaram países que já existiam, como a França, e também regiões onde novos países começavam a se formar, como Itália, Alemanha e Hungria.

Quando as revoluções se espalharam por essas regiões em que países começavam a se formar, elas acabaram sendo brutalmente reprimidas e derrotadas. No entanto, essas derrotas não significaram que o mundo continuou igual. A “Primavera dos Povos” não triunfou, mas provocou, em todos os lugares onde ocorreu, a percepção de que era preciso mudar. Essas mudanças, se não viessem com diálogo e negociações, viriam por meio das manifestações e revoltas populares.

1830: recomeço das lutas

O que formava, segundo Tocqueville, o “vulcão” que entrou em erupção em 1848? Esse político francês não se referia apenas à Revolução Francesa, quando disse que “um vento de revolução está no ar”. Ele também se referia a outro movimento que ocorreu na França, alguns anos antes, em 1830, e a dois outros já estudados por você: o movimento operário e o nacionalismo.

Do dia 27 ao dia 29 de julho de 1830, barricadas foram formadas pelo povo francês, que, apoiado nos ideais da Revolução Francesa, lutava contra o regime monárquico que havia voltado. Quando a própria Guarda Nacional aderiu aos rebeldes, o rei Carlos X foi obrigado a renunciar. Esses dias ficaram conhecidos como os “Três Dias Gloriosos”.

No entanto, a queda do rei não significou o fim da monarquia: apenas limitou o poder político do novo rei, Luís Filipe, que foi obrigado a seguir a Constituição. As medidas desse monarca a favor da burguesia lhe renderam a alcunha de “o rei burguês”.

Desse modo, na França, apesar de o movimento popular ter derrubado o rei, a burguesia preferiu compactuar com a monarquia constitucional instaurada, em vez de permitir a radicalização popular.

Em várias outras regiões da Europa, também surgiram movimentos que reuniram os mais diversos grupos sociais:

Bélgica	Proclamou sua independência da Holanda.
Península Itálica	Uma Constituição foi proposta por grupos revolucionários.
Confederação Germânica (futura Alemanha)	Ocorreram movimentos liberais constitucionalistas, ou seja, que defendiam a elaboração de uma Constituição, um conjunto de leis gerais e básicas para a confederação.
Polônia	Buscou sua independência em relação à Rússia.

Nos anos seguintes, a nova onda revolucionária abalou outros cantos da Europa. Estava cada vez mais claro que as mudanças viriam, pelo convencimento ou pela força. Em 1848, foi a vez da força.

As revoluções de 1848

Os problemas que deram início às revoluções de 1848 eram muito parecidos em toda a Europa:

- expansão da ideologia liberal e do nacionalismo;
- pressão do movimento operário que crescia, embora os ideais socialistas ainda não fossem dominantes;
- crise econômica, que provocou o fechamento de fábricas e desemprego;
- crise na produção agrícola, que provocou a alta no preço dos alimentos, deixando ainda mais grave a situação do povo;
- insatisfação da burguesia por não possuir o poder político e por ser fortemente afetada pela crise econômica;

As demandas dos povos europeus eram tão semelhantes que muitos autores a consideraram um movimento único, referindo-se a ele como a **Revolução**. Isso porque as tendências sociais e políticas presentes nos diferentes países europeus onde a revolução ocorreu eram bastante parecidas.

Os membros da burguesia exigiam governos constitucionais que garantissem o fim da monarquia absolutista, confirmando a tendência liberal do movimento. Já os trabalhadores pregavam igualdade social e se posicionavam contra a exploração que sofriam, marcando uma tendência mais democrática e já com influência, mesmo que pequena, das ideias socialistas. Além disso, havia também o nacionalismo, que procurava unir politicamente as populações de mesma origem étnica, língua e/ou cultura.

As revoluções de 1848 formaram o movimento que posicionou definitivamente a burguesia e o proletariado em campos opostos, caracterizando a História contemporânea.

ATIVIDADE 1 Entendendo as mudanças na Europa

1 De acordo com o texto *As revoltas sociais e políticas de 1848*, marque a alternativa que indica as duas novidades no cenário político e social europeu que impulsionaram as várias revoluções no continente:

- a) Liberalismo e monarquia absolutista.
- b) O movimento democrático e o retorno ao Antigo Regime.
- c) O movimento operário e o nacionalismo.

2 Destaque, nas linhas a seguir, pelo menos três questões que levaram às revoluções de 1848 na Europa.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Entendendo as mudanças na Europa

1 Alternativa correta: c.

2 Sua resposta poderia ter apontado três entre as questões citadas a seguir:

- expansão da ideologia liberal e do nacionalismo;
- pressão do movimento operário que crescia, embora os ideais socialistas ainda não fossem dominantes;
- crise econômica, que provocou o fechamento de fábricas e desemprego;
- crise na produção agrícola, que provocou a alta no preço dos alimentos, agravando ainda mais a situação do povo;
- insatisfação da burguesia por não possuir o poder político e por ser fortemente afetada pela crise econômica.



A “Primavera dos Povos”



TEMA 2

Neste Tema, você estudará o processo histórico que ficou conhecido como “Primavera dos Povos”, caracterizado por uma série de revoltas e revoluções que aconteceram simultaneamente em muitas regiões da Europa, em torno do ano de 1848, e que mudaram o rumo político e social de muitas nações.

O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Você já estudou que os conflitos entre classes sociais antagônicas (burgueses versus trabalhadores) e entre povos de nações diferentes levaram a Europa a uma série de revoltas e revoluções.

Você já viu esse tipo de conflito na atualidade, seja no Brasil ou em outros lugares do mundo? Escreva, abaixo, o que você conhece sobre esses conflitos.





A “Primavera dos Povos”

A “Primavera dos Povos” marcou o nascimento dos movimentos nacionalistas. Daquele momento em diante, poloneses, dinamarqueses, alemães, italianos, tchecos, húngaros, croatas e romenos, entre outros, exigiram, cada um, o Estado Nacional para si.

Essa questão aponta outra face das revoltas e revoluções que aconteceram na metade do século XIX: o encontro entre os movimentos nacionalistas e as lutas operárias. A burguesia, motivada pelas ideias liberais, também se levantou contra as monarquias. Essa combinação gerou uma situação explosiva na Europa.

Novamente a França

Os problemas sociais e políticos enfrentados pelos franceses, novamente sob o regime monárquico, continuavam: a crise econômica só piorava, o desemprego aumentava e a burguesia estava insatisfeita com a monarquia, que ela mesma havia apoiado. De 1830 a 1848, a França experimentou muitas manifestações, que reuniram diferentes grupos sociais.

O que unia todos esses grupos eram as exigências por reformas eleitorais, pois seus integrantes acreditavam que a situação seria resolvida se outros indivíduos fossem eleitos. Mas, para isso, era necessário voltar ao governo republicano, que havia sido instituído durante a Revolução Francesa.

Em 1848, os franceses conseguiram formar um governo provisório: o rei abdicou, a república foi reestabelecida, instituiu-se o sufrágio universal e novas eleições foram marcadas. Por ampla margem de votos, eles elegeram Luís Bonaparte, sobrinho de Napoleão Bonaparte. Apoiado em seu sobrenome famoso e com promessas de recuperar os momentos de glória da época do Império Napoleônico, Luís Bonaparte foi eleito como um protesto aos políticos conservadores. No entanto, poucos anos depois, ele deu um golpe de Estado, reinstituindo o império e proclamando-se imperador com o nome de Napoleão III.

Mas não foi só na França que ocorreram revoluções. Veja a tabela e o mapa nas próximas páginas, que mostram as revoluções ocorridas fora do território francês.



ASSISTA!

História – Volume 2

A Primavera dos Povos

Esse vídeo aborda as principais revoltas e mobilizações populares que surgiram na Europa no ano de 1848, dando destaque ao seu alcance geográfico e às proposições políticas comuns. Reflita sobre as tentativas de mudanças sociais e políticas que deixam marcas ao longo da História. Muitas delas influenciam acontecimentos até os dias atuais.

As revoluções fora da França

A Confederação Germânica: Estados alemães e Império Austro-húngaro

Em 1815, o Congresso de Viena definiu a organização da Confederação Germânica. A Confederação reunia uma série de Estados alemães, entre eles a Prússia e o Império Austro-húngaro, que tinha sob seu domínio tchecos, húngaros, croatas, romenos e italianos do norte. Essa Confederação era liderada pela Áustria, mas a Prússia (um dos Estados alemães) ameaçava essa liderança.

Berlim, capital da Prússia (parte da futura Alemanha)

Influenciado pelas ideias liberais, o povo organizado pressionou o Parlamento para implantar o sufrágio universal e foi fortemente reprimido pelos exércitos do reino da Prússia. O Parlamento e o rei suprimiram (extinguiram) os direitos feudais e concederam liberdades políticas, embora sem a inclusão dos trabalhadores.

Áustria

A revolta na cidade de Viena levou o imperador a reconhecer uma nova Constituição de caráter democrático, garantir a liberdade de imprensa e abolir a censura, não sem antes matar muita gente.

A Assembleia Nacional teve representantes de todas as províncias do império, inclusive a Prússia e a Áustria, dando um passo importante rumo à futura unificação que formaria a Alemanha, anos mais tarde. Dela participaram poloneses, tchecos, romenos, croatas, italianos do norte e húngaros.

Praga

Também era parte do Império Austríaco. Ali, os revoltosos conseguiram a aprovação de uma Constituição liberal que reconhecia os direitos históricos do povo tcheco. No entanto, as forças fiéis ao império reorganizaram-se, reprimindo o Parlamento tcheco e retomando o controle sobre Viena, a capital imperial.

Hungria

Fazia parte do Império Austríaco e lutava pela independência desde 1830. Chegou a declarar a autonomia de todos os territórios de língua húngara. Contudo, havia um detalhe: em território húngaro viviam outras minorias (como sérvios, croatas e romenos).

O nacionalismo húngaro era poderoso, e o imperador austríaco, que enfrentava problemas na sua própria Viena, precisou do auxílio de tropas russas para esmagar a revolta. Os russos invadiram a Hungria pelo norte, e a revolução foi liquidada. A repressão foi implacável, com centenas de pessoas executadas.

Península Itálica

Era uma região dividida em vários Estados, onde vigoravam governos absolutistas. O norte estava dominado pelos austríacos e o sul vivia sob a sombra do Papa. Seguindo os acontecimentos de Paris, a insurreição surgiu nos Estados mais conservadores, começando por Nápoles; já Milão e Veneza levantaram-se contra a dominação austríaca. Em outros lugares, como Florença, Roma e Turim, os soberanos se anteciparam à insurreição promulgando Constituições.

Em fevereiro de 1849, Giuseppe Mazzini, político e revolucionário, proclamou a república em Roma, e o Papa foi obrigado a fugir. A insurreição foi derrotada pelos franceses que, a essa altura, eram liderados por Luís Bonaparte; isso permitiu o retorno do Papa. Também na Itália, a unificação e a república seriam adiadas por alguns decênios.

Europa: movimentos revolucionários de 1848



Fonte: DUBY, Georges. *Atlas historique mondial*. Paris: Larousse, 2003, p. 87.



Nesta gravura de 1848, estão os representantes dos operários (o socialista utópico Blanc), dos profissionais liberais (o advogado Dupont), dos escritores (o poeta romântico Lamartine) e da pequena burguesia (Ledru-Rollin, candidato dos democratas-socialistas), entre outros.



No final de 2010, surgiu, no Egito, uma revolta popular contra o presidente Hosni Mubarak. No poder há quase 30 anos como ditador, Mubarak governava o país com “mão de ferro”.

Ao longo desses 30 anos, o governo de Mubarak foi marcado pelo autoritarismo, ou seja, pela falta de democracia. Os opositores do governo eram perseguidos, presos e torturados. Havia corrupção e censura aos jornais. Por essas razões, os egípcios foram para as ruas e derrubaram o ditador. A população de vários países vizinhos, como a Arábia Saudita, o Bahrein, a Síria, o Iêmen e a Líbia, também saíram às ruas contra os governos ditatoriais. Na Líbia, foi preciso que tropas internacionais protegessem a população local contra as forças do governo.

Esses fatos, conhecidos como “Primavera Árabe”, aconteceram há alguns anos e por outros motivos. Porém, possibilitam que você faça uma reflexão sobre o que aconteceu em 1848, quando o sentimento de revolução se espalhou pela população de muitos países ao mesmo tempo.

Você acha que esse tipo de revolta generalizada em vários países pode continuar acontecendo? Por quê?

MOMENTO
CIDADANIA



A partir do século XVIII, aos poucos, os Estados no Ocidente foram sendo organizados para funcionar de acordo com as Constituições, que são conjuntos de leis maiores de um país. Os governos poderiam elaborar outras leis, julgar e punir segundo elas, desde que não entrassem em contradição com a Constituição de cada país, visto que, se isso ocorresse, os governos seriam considerados ditaduras.

Quanto à forma de governo, um Estado pode ser uma monarquia, em que um rei governa enquanto vive e, quando morre, transmite ao seu herdeiro o governo; ou uma república (governo “da coisa pública”), em que há um tempo determinado para o mandato do governante e o poder é passado ao sucessor por meio de eleições.

Uma monarquia pode ser constitucional, isto é, o rei respeita um conjunto de leis, ou absolutista, na qual é o rei quem faz a lei – como bem representa a frase atribuída a Luís XIV da França: “o Estado sou eu!”. Porém, isso não significa que o poder do rei não tivesse limites. O poder absolutista era limitado pelo próprio conjunto de valores e crenças de sua época. Do contrário, não seria considerado legítimo.

Para garantir um limite à ação dos governantes, o filósofo francês Montesquieu sugeriu uma tripartição de poderes, balanceando a ação do Estado entre o Legislativo, que elabora as leis, o Executivo, que as executa e administra, e o Judiciário, que julga se as leis estão sendo ou não cumpridas, seja pelo cidadão, seja pelos governantes.

Uma república pode ser aristocrática, governada por uma elite, ou democrática, governada pelo conjunto da população.

O Brasil atual é uma democracia representativa, organizada em três poderes. O povo elege diretamente o chefe do Poder Executivo – prefeito, governador e presidente da República. Também elege seus representantes no Legislativo – vereadores, deputados e senadores, responsáveis pela elaboração das leis e por sua aprovação. Os cargos do Poder Judiciário são ocupados, em sua maioria, por concurso público.

ATIVIDADE 1 As causas e consequências das revoluções

1 Em relação às revoltas e revoluções que ocorreram fora da França, pode-se dizer que, apesar das diferenças, a consequência política comum a todos esses movimentos foi:

- a) a conquista popular do poder, destituindo os regimes monárquicos e implantando repúblicas de caráter mais democrático.
- b) a aprovação de Constituições ou leis de caráter mais liberal, que concediam a parte da população alguns direitos civis e/ou políticos que antes não existiam.
- c) o total esmagamento das revoltas em todos os países da Europa e o restabelecimento imediato dos antigos regimes feudais de cada país.



2 Cite alguns dos problemas sociais e políticos enfrentados pelos franceses, no período estudado, de acordo com o texto A “Primavera dos Povos”.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - As causas e consequências das revoluções

1 Alternativa correta: **b**. As revoluções de 1848, que ocorreram em diferentes países da Europa, tiveram características liberais e permitiram a conquista de direitos sociais e políticos por parte do povo.

2 Alguns dos problemas sociais e políticos enfrentados pelos franceses foram:

- a piora da crise econômica;
- o aumento do desemprego;
- a insatisfação da burguesia com a monarquia novamente implantada após o fim da Revolução Francesa;
- as demandas por reformas eleitorais.



Neste Tema, você estudará as principais consequências políticas, econômicas e sociais das revoluções de 1848. Elas deixaram marcas profundas na História europeia e mundial, ainda que a maioria delas tenha sido derrotada em seus propósitos originais.

 O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Considerando a situação política na Europa antes das revoluções do século XIX e o que você conhece da realidade política europeia nos dias atuais, quais foram as principais conquistas políticas do povo europeu nesse período de quase 200 anos? Escreva o que você sabe sobre isso.



Derrotas e vitórias das revoluções de 1848

Você conheceu os acontecimentos de 1848 com detalhes suficientes para poder ter uma ideia sobre:

- sua extensão territorial (atingiram muitos lugares da Europa);
- sua sincronia temporal (acompanhando as datas, você pode notar que todas aconteceram no mesmo período).

Apesar do alcance e da importância das revoluções, todas as revoltas foram reprimidas brutalmente e derrotadas. Mas a pergunta que fica é: Por quê? Existem várias interpretações, mas há alguns pontos consensuais, isto é, há pontos em que os especialistas concordam.

Em primeiro lugar, **Inglaterra** e **Rússia** não tiveram manifestações em seus territórios. A Inglaterra era considerada o país mais desenvolvido economicamente, por causa do seu desenvolvimento industrial. Já a Rússia possuía a maior extensão territorial e a maior população de toda a Europa, ainda que, comparativamente, fosse o país mais atrasado da Europa do ponto de vista econômico, uma vez que era predominantemente agrícola.

No século XIX, os acontecimentos na Inglaterra, principal potência econômica mundial, influenciavam toda a Europa, de modo parecido ao que acontece com os Estados Unidos da América nos dias de hoje. Por isso seria importante para o sucesso das revoluções na Europa que elas tivessem acontecido na Inglaterra também. E por que a revolução não aconteceu nesse país? É possível apontar uma combinação de dois fatores:

- o movimento operário inglês entrou em confronto com o Estado nos anos anteriores e tinha acabado de ser derrotado em 1848. Por isso, não estava em condições de iniciar uma nova luta;
- a Inglaterra era líder absoluta do desenvolvimento capitalista. Nessa condição, podia melhorar os salários de parte dos trabalhadores, criando o que depois foi chamado de **aristocracia operária**. Ao mesmo tempo, o Parlamento incorporava, aos poucos, as principais reivindicações políticas dos trabalhadores.

A Rússia era um país de grandes proporções territoriais, tinha parte do seu território na Europa e na Ásia, e a maioria de sua população era camponesa e



Aristocracia operária

Expressão criada como referência aos trabalhadores que recebiam salários muito altos e tinham acesso a um padrão de vida semelhante ao dos burgueses. A oferta de altos salários foi um instrumento utilizado muitas vezes pelos capitalistas para seduzir lideranças operárias combativas.

ainda vivia no regime de servidão. Essa população era oprimida pelo governo do *czar* e estava insatisfeita com sua condição. Entretanto, o potencial revolucionário não era suficiente: seus trabalhadores foram impotentes em aderir aos conflitos e, como consequência, o exército do *czar*, que não precisava lutar contra os trabalhadores russos, pôde reprimir, violentamente, uma revolta que ocorreu na Áustria.

A ausência da revolução – ou das lutas que ocorreram em outros países – na Inglaterra e na Rússia fragilizou os demais movimentos europeus.

Mas por que trabalhadores e nacionalistas não conseguiram triunfar nos países em que realizaram o movimento? A resposta a essa pergunta deve também considerar aspectos que se referem aos trabalhadores e à burguesia:

- Do lado popular, os movimentos operários, de modo geral, ainda iniciavam sua experiência de luta, apesar de os trabalhadores não serem mais tão dispersos, como no tempo em que prevalecia o trabalho artesanal. Porém, eles apenas começavam a formar sindicatos e partidos políticos próprios.
- Do lado das classes dominantes, a burguesia aliou-se aos antiliberais (nobreza e monarquia) para conter o povo rebelado. Ela seguiu com o povo até certo ponto; depois, achou prudente abafar a luta, para manter seus privilégios.

É possível ilustrar a situação de operários e burgueses em 1848 da seguinte forma:

- A classe operária abalou as estruturas da sociedade, mas não mostrou experiência para construir algo novo em seu lugar.
- A burguesia, ao contrário, buscou o entendimento com outros setores da classe dominante, como reis, nobres e latifundiários, para controlar os trabalhadores. Em outras palavras, seu principal inimigo não era mais a nobreza e o rei, mas a classe operária.

Ainda fica outra pergunta: Qual foi o resultado das revoluções de 1848?

Embora se possa dizer que as ideias comunistas de Karl Marx não tiveram grande repercussão nos eventos de 1848, é preciso considerar que, a partir daquele momento, elas foram cada vez mais difundidas e influentes.

O movimento operário fortaleceu-se consideravelmente depois de 1848. Com o crescimento da classe operária, suas organizações e seus projetos expandiram-se. Se as classes dominantes perceberam que era necessário mudar a sociedade para preservar seus privilégios, os trabalhadores se deram conta de que tinham força para transformá-la sem o apoio da burguesia. Mais do que isso, os trabalhadores perceberam que precisariam enfrentá-la. Essa oposição de interesses marcaria a evolução da história do capitalismo.



ATIVIDADE 1 O desfecho das revoluções de 1848

1 Segundo o texto *Derrotas e vitórias das revoluções de 1848*, existem alguns motivos, sobre os quais os historiadores concordam, que explicam o porquê de todas as revoltas de 1848 terem sido derrotadas. Escreva, nas linhas a seguir, alguns desses motivos.

2 Apesar das derrotas, o texto afirma que as revoltas e revoluções de 1848 trouxeram alguns resultados para o movimento operário. Quais foram eles?





DESAFIO

1 O ano de 1848 ficou célebre em razão da onda de revoluções que varreu, então, a Europa – evento denominado Primavera dos Povos. O objetivo maior dos revolucionários de toda parte era alcançar a liberdade e combater a opressão; em algumas regiões, porém, as palavras de ordem reivindicavam, também, o fim do jugo estrangeiro, ou seja, demandavam autonomia para as nações.

Considerando-se os eventos ocorridos em 1848 e suas consequências, é **CORRETO** afirmar que:

- na Alemanha, se instalou, com sucesso, uma República parlamentar, que aboliu as instituições imperiais e consolidou a unidade do país.
- na França, se proclamou, outra vez, a República, mas Luís Napoleão Bonaparte, o Presidente eleito, instituiu, por meio de um golpe, o II Império.
- na Inglaterra, uma série de greves gerais colocou em xeque a Monarquia, que precisou recorrer à Lei Marcial para recobrar a ordem.
- na Rússia, os revolucionários ocuparam o poder durante alguns meses, o que provocou reação sangrenta e guerra civil.

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2009. Disponível em:
<http://download.uol.com.br/vestibular2/prova/ufmg_2009_hist.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2014.

2 O movimento revolucionário de 1848, que abalou, mas não destruiu, a ordem social vigente na Europa, pode ser caracterizado como um conflito no qual

- a burguesia, ou frações desta classe, face ao perigo representado pelo proletariado, não tomou o poder.
- o campesinato, em luta encarniçada contra a nobreza, abriu espaço para a burguesia tomar o poder.
- a nobreza, diante da ameaça representada pela burguesia, fez concessões ao proletariado para se manter no poder.
- o proletariado, embora fosse uma classe já madura e com experiência, ficou a reboque dos acontecimentos.
- não houve luta de classes, e sim disputas derivadas das tensões e contradições existentes entre ricos e pobres.

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), 2004. Disponível em:
<http://vestibular.unifesp.br/index.php?option=com_phocadownload&view=category&id=16:provas-e-gabaritos-2004&Itemid=112>. Acesso em: 26 fev. 2014.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - O desfecho das revoluções de 1848

1 Esses são alguns dos motivos pelos quais as revoltas de 1848 foram derrotadas:

- Inglaterra e Rússia ficaram de fora do movimento revolucionário. O que acontecia nesses países naquela época era muito importante para o rumo que os eventos tomavam na Europa. Na Inglaterra, os operários ingleses tinham sido recém-derrotados no movimento cartista, ao mesmo tempo que tiveram parte de suas demandas políticas e econômicas atendidas. Na Rússia, os trabalhadores não aderiram aos conflitos, o que permitiu que se usasse o exército russo para reprimir manifestações em outros países;
- os movimentos operários ainda eram inexperientes e estavam começando a se organizar. Assim, até tiveram poder para abalar as estruturas da sociedade, mas não maturidade para construir algo novo em seu lugar;



- a burguesia, que originalmente era uma classe revolucionária e poderia continuar avançando nas revoluções com o povo, em vez disso, ao chegar ao poder, aliou-se aos seus antigos inimigos (nobreza e monarquia), pois achou melhor impedir os avanços dos trabalhadores, com medo de perder seus privilégios recém-conquistados.

2 Alguns dos resultados das revoluções de 1848 para o movimento operário teriam sido:

- as ideias comunistas e socialistas se tornaram cada vez mais difundidas e influentes;
- houve o fortalecimento do movimento operário e suas organizações e projetos expandiram-se;
- os trabalhadores se deram conta da sua força para transformar a sociedade sem apoio da burguesia e, mais do que isso, perceberam que precisariam enfrentá-la.

Desafio

1 Alternativa correta: b. Se você errou, lembre-se de que a Revolução de 1848, na França, contou com a participação da burguesia, mas também de trabalhadores franceses. A revolta levou o rei Luís Felipe a abdicar, criando-se um governo provisório que proclamou a república. Uma Assembleia Constituinte foi eleita e eleições foram convocadas. Luís Napoleão Bonaparte, após ter sido eleito presidente, instituiu, por meio de um golpe de Estado, o II Império.

2 Alternativa correta: a. A burguesia, com medo de perder seus privilégios por causa do movimento dos trabalhadores, optou por se aliar à nobreza e à monarquia.



Registro de dúvidas e comentários



Neste Tema, você aprofundará seus estudos sobre as consequências políticas das revoluções de 1848 para os trabalhadores europeus.

O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Você já ouviu falar em direito ao sufrágio universal? Você sabia que esse direito é muito recente na História e que foi necessária muita luta para democratizar a participação política? Escreva o que você sabe sobre isso.

As conquistas políticas dos trabalhadores após as revoluções de 1848

Com os eventos de 1848, ficou evidente a união entre segmentos da burguesia e da nobreza, que eram os grupos mais conservadores. Nesse período, a monarquia e a nobreza perceberam que o Antigo Regime nunca seria restaurado. Os nobres foram se tornando empresários capitalistas do campo e, de certa forma, transformando-se em burgueses. Por sua vez, muitos burgueses tinham o desejo de se tornar nobres; assim, usaram seu dinheiro para comprar títulos de nobreza ou propriedades, como castelos. Essa aproximação reflete simbolicamente a associação entre esses dois grupos sociais.

No entanto, as mudanças mais importantes pós-1848 aconteceram no terreno político, que, aos poucos, incorporou as exigências dos trabalhadores. Na França, por exemplo, o número de votantes nas eleições foi bastante ampliado. Essa experiência francesa abriu um caminho que seria seguido, mais cedo ou mais tarde, pelos demais países da Europa: a adoção do sufrágio universal masculino e a consequente tolerância para a participação política dos trabalhadores nas eleições.

Antes disso, no começo do século XIX, a ideia de democracia despertava medo nas classes dominantes da Europa. Existia a percepção de que, se os trabalhadores participassem da política, naturalmente atacariam a ordem existente. Por isso, havia tanta resistência à ampliação do direito ao voto.

Democracia política

Foi na segunda metade do século XIX que se construiu, na maioria dos países, a possibilidade de se ter a democracia política – que muitos chamam de democracia liberal – sem que o capitalismo fosse ameaçado. Entre os séculos XIX e as duas primeiras décadas do século XX, diversos países europeus estabeleceram o sufrágio masculino, como se pode observar a seguir.

Estabelecimento do sufrágio masculino em alguns países da Europa	
<ul style="list-style-type: none"> • Grécia – 1822 • França – 1848 • Suíça – 1848 • Espanha – 1890 • Noruega – 1897 • Império Austro-húngaro – 1907 	<ul style="list-style-type: none"> • Suécia – 1911 • Holanda – 1917 • Inglaterra – 1918 • Bélgica – 1919 • Itália – 1919

Outra ideia que mudou de sentido ao longo dos séculos XIX e XX foi a de nacionalismo. Você estudou que, em 1848, as lutas pela unificação nacional na Alemanha e na Itália foram sufocadas, assim como os movimentos separatistas dos tchecos e dos húngaros em relação ao Império Austro-húngaro. Em síntese, em 1848, não foram criadas novas nações.



VOCÊ SABIA?

As unificações da Alemanha e da Itália se consumaram depois de décadas de agitação.

Contudo, em ambos os processos, as pressões por democratização social não se realizaram, e nenhuma das novas nações acabou com a monarquia ou fez a reforma agrária. A célebre frase do romance italiano *O leopardo*, de Giuseppe Tomasi di Lampedusa (1958), resume o que foi a unificação a esse respeito: “É preciso que tudo mude para que tudo fique como está”.

No entanto, esses movimentos acumularam força e voltaram nos anos seguintes. A unificação italiana foi realizada em 1861, e a alemã, em 1871. A Áustria, por sua vez, precisou reconhecer a soberania húngara em 1867, criando o Império Austro-húngaro.

O nacionalismo também se separou muitas vezes das lutas sociais a que esteve ligado na sua origem. Nesse sentido, as unificações da Itália e da Alemanha foram processos conservadores, sem ruptura com o poder dos latifundiários nem com a monarquia. No século XX, o nacionalismo na Europa se transformou muitas vezes em uma ideologia antidemocrática, como o fascismo na Itália e o nazismo na Alemanha.



PENSE SOBRE...

Você estudou que os direitos políticos conquistados na atualidade, como o voto, são frutos de muita luta e de incansáveis reivindicações por parte de movimentos organizados por diferentes setores da sociedade.



Atualmente, alguns jornais e revistas criticam, às vezes, as manifestações e reivindicações de trabalhadores e de outros grupos sociais, chamando-os de baderneiros e desordeiros. Não parece contraditório que essas mídias, que só existem graças à liberdade de expressão, estejam justamente atacando esse direito democrático?

ATIVIDADE

1

Uma reflexão: direitos políticos – um processo histórico de conquistas

Pensando no período em que os trabalhadores iniciaram as reivindicações por direitos políticos na Europa e comparando com as datas de estabelecimento do sufrágio masculino em alguns países (conforme o quadro **Estabelecimento do sufrágio masculino em alguns países da Europa** no texto *As conquistas políticas dos trabalhadores após as revoluções de 1848*), que reflexão você pode fazer sobre o processo de conquista desses direitos?

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Uma reflexão: direitos políticos - um processo histórico de conquistas

É possível observar que o direito ao voto foi sendo adotado ao longo do tempo na maioria dos países europeus após 1848. Disso, é possível concluir que, mesmo que as lutas e protestos não sejam, a princípio, vitoriosos, ou que as reivindicações não sejam imediatamente atendidas, eles vão se concretizando ao longo do tempo e acabam sendo incorporados como novos direitos. Isto é, para a conquista de direitos é necessário ter perseverança e organização, pois, ainda que demorem, eles poderão ser alcançados. Essa é uma das grandes lições dos movimentos revolucionários de 1848.



TEMAS

1. O surgimento da Comuna de Paris e seus desdobramentos
2. O desfecho da Comuna de Paris

Introdução

Na Unidade 2, você estudou que, desde o início do século XIX, os trabalhadores e alguns setores da burguesia se organizaram e entraram em conflito com os governos para solicitar maior participação no poder político. Estudou também que esses grupos não conseguiram essa conquista naquele primeiro momento, mas somente anos depois. Além dos movimentos nacionalistas, os trabalhadores experimentaram sua força naqueles episódios. Nos anos seguintes, com o crescimento do movimento operário, as ideias socialistas ganharam força, fazendo os trabalhadores acreditarem que eles próprios poderiam organizar a sociedade.

Como seria isso na prática? Em 1871, durante alguns meses, o povo de Paris viveu essa experiência, conhecida como Comuna de Paris. Esta Unidade vai explicar como ela aconteceu.

O surgimento da Comuna de Paris e seus desdobramentos

TEMA 1

Neste Tema, você aprenderá sobre aquele que foi um dos eventos históricos mais marcantes do século XIX: a Comuna de Paris. Você analisará como e quais foram os fatores que deram origem à Comuna e, também, suas consequências para a Europa e o mundo dali por diante.

O QUE VOCÊ JÁ SABE?

São poucos os momentos históricos nos quais os indivíduos pertencentes aos grupos sociais menos favorecidos conseguem impor sua vontade e fazer prevalecer seu poder. A Comuna de Paris foi um desses casos. Ainda que tenha durado poucos meses, ela deu mostras de como seria um governo dirigido por trabalhadores.

Em sua opinião, como seria um governo de trabalhadores que defendesse os interesses do povo? Quais seriam as principais preocupações, as dificuldades e as facilidades desse governo? Quem eles teriam de enfrentar?

A Comuna de Paris: antecedentes

Os anos seguintes aos acontecimentos de 1848 foram relativamente calmos na Europa, sem manifestações de grandes proporções. Alguns elementos ajudam a explicar esse clima:

- foi um período de expansão do capitalismo;
- o crescimento econômico favoreceu concessões dos capitalistas para a classe trabalhadora;
- aos poucos, os governos também cederam aos trabalhadores, em dois sentidos: do ponto de vista social, regulamentaram as condições de trabalho na França, reconhecendo o direito de greve em 1864; na Alemanha, em 1881, e na Itália, em 1884, foi criado o seguro por acidente de trabalho. Do ponto de vista político, os trabalhadores conquistaram o direito de voto universal masculino.

No entanto, em 1871, a França virou novamente de “cabeça para baixo”. Entre os meses de março e maio, Paris, a capital do país, foi governada por trabalhadores. Nos poucos dias em que comandaram a cidade, esses trabalhadores promoveram mudanças sociais radicais até então nunca vistas na História.



Comuna de Paris (1871). Biblioteca Histórica da Cidade de Paris.

O lema dos adeptos da Comuna era: “O povo trabalhador de Paris e seus arredores proclama a fundação da Comuna de Paris”. O documento principal desse movimento revolucionário proclamava ainda: “a gestão popular de todos os meios da vida coletiva; a gratuidade de tudo o que é necessário e de todos os serviços públicos”.

Para entender o que levou os trabalhadores a conquistarem o poder em 1871, é preciso analisar alguns fatores:

- O **primeiro fator** é que o Império Francês, comandado por Napoleão III, tornara-se uma espécie de “sanguessuga gigante”: era forte, burocrático e corrupto. Essa situação era reconhecida e odiada pela população, que sonhava em eliminar o funcionalismo público, o grande parasita social. Não foi à toa que a Comuna anulou todas as características desse Estado.
- O **segundo fator** é que, embora a França de 1871 fosse um país formado principalmente por uma população rural (somente a Inglaterra tinha mais habitantes nas cidades do que no campo), Paris tinha um grande número de operários, diferença importante em relação a 1848, pois houve uma concentração da produção industrial entre 1848 e 1871. A união dos trabalhadores em grandes fábricas servia de estímulo para a organização operária. Naquele momento, as influências políticas mais importantes para esses operários eram o blanquismo e as ideias de Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865). O blanquismo, referência a Louis-Auguste Blanqui (1805-1881), defendia a justiça, a liberdade e a igualdade entre os seres humanos, direitos conquistados com a participação efetiva na luta revolucionária. Por sua vez, Proudhon acreditava na propriedade coletiva dos meios de produção, ou seja, uma associação ou cooperativa de trabalhadores que se responsabilizariam pela produção e sua respectiva distribuição. Por defender essas propostas, acabou sendo reconhecido como um dos primeiros pensadores anarquistas. Sua frase mais célebre é: “A propriedade é um roubo!”.
- Por fim, o **terceiro fator** é que, em 1870, a França entrou em guerra contra a Prússia (Guerra Franco-prussiana). Com a derrota francesa, a cidade de Paris foi sitiada e um tratado de paz, considerado humilhante pelos franceses, foi imposto. Esse acontecimento também motivou o movimento social dos trabalhadores parisienses.

Fazendo uma análise mais profunda, pode-se constatar que a Comuna de Paris foi o resultado das lutas sociais que ocorriam na França desde muito antes, especialmente entre burguesia e proletariado.

Como surgiu a Comuna de Paris?

Um dos eventos que ajudou a dar origem à Comuna, como já apontado, foi a guerra entre a França e a Prússia, cujos governos queriam ampliar os territórios de seus respectivos países. O Império Francês, de Napoleão III, pretendia anexar territórios e aumentar seu poder. A Prússia, governada por Guilherme I, almejava fazer o mesmo.

A Prússia era, naquele momento, uma das regiões de maior desenvolvimento capitalista do mundo. Além de contar com uma forte indústria, tinha um exército poderoso, que inovou as estratégias militares. Assim, na guerra entre as duas nações, a França foi derrotada e humilhada.



VOCÊ SABIA?

A coroação de Guilherme I marcou a formação da Alemanha, mas a unificação alemã foi um longo processo. Sob a liderança da Prússia – mais especificamente, de Otto von Bismarck –, a formação da nação alemã foi marcada por guerras e pela exaltação ao nacionalismo. A vitória prussiana contra a França somente confirmou o poderio prussiano e fortaleceu o espírito nacionalista nos Estados germânicos, que acabaram se unificando e formando o Segundo Império Alemão, também conhecido como Segundo Reich (o regime nazista instaurado por Adolf Hitler, entre 1933 e 1945, ficou conhecido como Terceiro Reich). Em nome do nacionalismo alemão, os diferentes Estados germânicos foram se unindo, liderados por Bismarck, para combater a França.



Em 1871, Guilherme I foi coroado imperador da Alemanha no Palácio de Versalhes, lugar simbólico do poder da monarquia francesa. Essa atitude foi considerada uma ofensa pelos franceses. [Anton Alexander von Werner. *A Proclamação de Guilherme como imperador do novo Reino da Alemanha na Sala dos Espelhos em Versalhes*, 1885. Óleo sobre tela, 140 cm × 142 cm. Castelo Friedrichsruhe, Alemanha.]

Com a prisão de Napoleão III, a república foi proclamada pela terceira vez na França. Quem assumiu sua liderança foi uma figura conservadora, o ex-ministro Adolfo Thiers, que negociou a rendição humilhante com os prussianos. Os termos de rendição incluíam a obrigatoriedade de os franceses custearem a guerra – com aumento de impostos a serem pagos à Prússia.

Adolfo Thiers tentou proibir o uso de armas por membros da Guarda Nacional, uma organização civil que existia em Paris desde a Revolução Francesa. Quando a população se deu conta dessa manobra, expulsou Thiers e o exército prussiano da cidade de Paris. Nesse contexto, foi proclamada a Comuna, que existiu oficialmente de março a maio de 1871.



Jean-Baptiste-François Arnaud-Durbec. *Barricada em 19 de março de 1871*. Aquarela sobre papel. Museu Carnavalet, Paris, França.

O que foi a Comuna?

Do termo “comum”, isto é, o que é de todos, ou aquilo de que todos podem participar, derivam as palavras “comunista” e “comunidade”. E desta última palavra deriva o termo “comuna”.

Os participantes da Comuna de Paris ficaram conhecidos como *communards*, uma palavra que não tem tradução exata em português (utiliza-se o termo *comunardos*). Não se deve confundir *comunardos* com comunistas: estes últimos seriam os seguidores do comunismo proposto por Marx e Engels.

Uma vez instaurada a Comuna, foram convocadas eleições para resolver os problemas de abastecimento dos *comunardos* e cuidar das coisas coletivas, ou seja, dos serviços públicos. Para tanto, organizou-se o “Comitê de Salvação Pública”.

Durante um breve período, os *comunardos* buscaram solucionar vários problemas sociais, como a escola das crianças, que deveria ser pública e laica, ou seja, não religiosa, bem como a condição da mulher, que deveria ter os mesmos direitos dos homens. Essas soluções passavam pela justiça, religião, economia, política internacional etc. Em todos os campos, os revolucionários produziram ideias bastante radicais para o seu tempo e muitas delas podem ser consideradas assim até hoje. Veja alguns exemplos:

- iniciaram o controle operário da produção, por meio da instalação de cooperativas, da redução da jornada de trabalho e da legalização dos sindicatos (muitos industriais fugiram de Paris);
- reorganizaram o sistema de transportes, que se tornou gratuito para todos;
- decretaram a distribuição das residências vazias para moradia popular e proibiram a especulação imobiliária;
- instituíram um plano de previdência social inédito, para todos os cidadãos;
- decretaram o fim da construção de ruas que agredissem espaços verdes e áreas de convivência na cidade;
- estabeleceram como princípio a educação pública, laica, gratuita, obrigatória e universal – para homens e mulheres;
- proclamaram a igualdade das mulheres em relação aos homens.



Como você percebeu, os líderes da Comuna de Paris não se preocuparam apenas com a justiça, a política e a economia, mas com a cultura de toda a sociedade.

Em seus escritos, a liderança da Comuna tratou de assuntos como a independência da mulher e das crianças e proclamou a liberdade de nascimento, o direito à informação sexual desde a infância e o direito da mulher de abortar e prevenir-se da gravidez. Esses líderes pensavam, ainda, que as crianças não deveriam ser propriedade de seus pais; assim, na escola, elas tomariam suas decisões com autonomia e governariam suas próprias vidas.

Será que se essas ideias fossem implantadas, não haveria menos agressão a mulheres e menos crianças nas ruas hoje em dia?

ATIVIDADE 1 O trabalho nas fábricas na Comuna de Paris

Leia o artigo a seguir, proclamado pela Comuna de Paris, sobre a produção nas fábricas e procure o significado das palavras desconhecidas.

Artigo IX

- todas as empresas privadas (fábricas, grandes armazéns) são expropriadas e os seus bens entregues à coletividade;
- os trabalhadores que exercem tarefas predominantemente intelectuais (direção, gestão, planificação, investigação etc.) periodicamente serão obrigados a desempenhar tarefas manuais;
- todas as unidades de produção são administradas pelos trabalhadores em geral e diretamente pelos trabalhadores da empresa, em relação à organização do trabalho e distribuição de tarefas;
- fica abolida a organização hierárquica da produção;
- as diferentes categorias de trabalhadores devem desaparecer e desenvolver-se a rotatividade dos cargos de trabalho;
- a nova organização da produção tenderá a assegurar a gratuidade máxima de tudo o que é necessário e diminuir o tempo de trabalho;
- devem-se combater os gastadores e parasitas. Desde já são suprimidas as funções de contramestre, cronometrista e supervisor.

O que, em sua opinião, as medidas da Comuna poderiam causar na sociedade francesa, caso fossem implementadas definitivamente? Lembre-se de que, até aquele momento, a sociedade francesa era uma sociedade burguesa e capitalista.

Registre sua resposta nas linhas a seguir.



ASSISTA!

História – Volume 2

A Comuna de Paris

Esse vídeo aborda o momento em que os trabalhadores parisienses conseguiram fazer prevalecer seus interesses, implantando um novo modelo de organização e gestão da sociedade. Ele mostra as ideias e os interesses que marcaram a organização da Comuna de Paris e ajuda a entender a importância desse movimento para a classe trabalhadora, até os dias de hoje. Ele é um importante recurso para ajudar você a compreender o que estudou nesta Unidade.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - O trabalho nas fábricas na Comuna de Paris

As medidas da Comuna poderiam alterar profundamente a organização da sociedade francesa, uma vez que o movimento:

- se opunha aos privilégios burgueses e tomava para si a gestão dos negócios públicos;
- acabava com a propriedade privada;
- foi um movimento espontâneo de massas;
- foi uma experiência que colocava a classe operária no poder e criava a possibilidade de uma democracia não mais burguesa, mas proletária, que garantia o sufrágio universal;
- propunha uma nova visão a respeito da mulher, dando a ela liberdade e independência.

Enfim, as relações entre capital e trabalho seriam profundamente modificadas.



Registro de dúvidas e comentários

Lined area for student notes and questions.





Neste Tema, você aprenderá sobre os processos que levaram ao desfecho da Comuna de Paris e a importância desses fatos para a história do capitalismo.

 **O QUE VOCÊ JÁ SABE?**

Você aprendeu de que maneira a Comuna de Paris se constituiu. Com base no que estudou até aqui, procure se lembrar das causas desse movimento revolucionário e registre o que você já sabe nas linhas a seguir.

Horizontal lines for writing.



A Comuna e sua organização política

Durante dois meses, a cidade de Paris foi administrada pelo Comitê Central Revolucionário e, dessa forma, as camadas operárias entraram em contato com a realidade do poder. A Comuna propôs uma revolução na organização do Estado e na forma de fazer política.

Para acabar com a corrupção dos funcionários públicos e dos políticos, os *comunardos* propuseram eliminar de vez a **burocracia** que não funcionava. Decretaram a separação entre o Estado e a Igreja, o fim dos exércitos permanentes, a extinção do trabalho noturno nas padarias e a reabertura de fábricas que haviam sido fechadas e que passariam a ser dirigidas por corporações operárias. Para completar, a Comuna instituiu o ensino gratuito.

A Comuna defendia os seguintes princípios políticos:

- todos os membros da administração podem ter o seu mandato revogado em qualquer momento e não podem se perpetuar no cargo. Isso configura uma ação contra a burocracia;
- a remuneração de um cargo público não pode ser maior do que a remuneração de um operário qualificado. Com isso, propõe-se acabar com o privilégio nas funções públicas;
- deve haver o fim de qualquer corpo armado diferente da população: a nação é o povo em armas, o que configura, em última análise, uma proposta de extinção do exército;
- será abolida a divisão de poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário); a Comuna representa, ao mesmo tempo, os três poderes.

Em resumo, a Comuna seria a representação direta do povo. Embora não abolisse o Estado, como defendiam alguns comunistas, seria a substituição da estrutura burocrática do Estado antigo pela construção de um novo sistema para administrar os bens públicos.

Para os *comunardos*, o Estado perderia sua função política e se tornaria puramente administrativo. Em outras palavras, ele não mandaria, só cumpriria ordens. E quem daria essas ordens? O conjunto dos cidadãos.

Segundo os *comunardos*, a sociedade deveria absorver as funções do Estado. A proposta não era tirar um juiz e colocar no seu lugar um operário, mas acabar com a estrutura burocrática do Poder Judiciário. Não existiria mais o juiz profissional; representantes da sociedade seriam eleitos periodicamente para essa função.



Burocracia

Sistema administrativo, baseado em cargos definidos por uma ordem hierárquica de competência e divisão de tarefas.

ATIVIDADE 1 A Comuna

De acordo com o texto *A Comuna e sua organização política*, cite, nas linhas a seguir, pelo menos três modificações políticas propostas pela Comuna.

A Semana Sangrenta

Enquanto a Comuna revolucionava Paris, o exército francês reorganizava-se a partir da cidade de Versalhes, a poucos quilômetros da capital, preparando-se para um embate com os *comunardos*. Outras cidades da França também proclamaram “Comunas”, mas essas duraram menos tempo.

Você estudou que, por causa da Guerra Franco-prussiana, havia tropas da Prússia próximas de Paris. No entanto, os prussianos não invadiram a cidade tomada pela população armada, pois consideravam que tinham atingido seus objetivos na guerra: além da vitória militar, apropriaram-se de um importante território francês rico em minérios, a Alsácia-Lorena.

Mas, com o tempo, o governo prussiano, que liderou a unificação alemã, ficou alarmado com o que acontecia em Paris, pois temia que o sentimento revolucionário se espalhasse. Assim, quando o exército francês voltou para a cidade determinado a esmagar o movimento, as tropas alemãs não interferiram na batalha entre os franceses. Contudo, ajudaram o exército francês ao soltarem centenas de soldados, prisioneiros de guerra, para auxiliarem nessa tarefa. Diante da Comuna, a rivalidade entre as nações foi substituída pela colaboração entre os governos que defendiam os interesses dos nobres e burgueses de seus países.

Em maio daquele mesmo ano (1871), o exército francês invadiu Paris e cumpriu sua missão com uma brutalidade que marcou os registros históricos. Enfrentando a resistência determinada dos trabalhadores, que montaram barricadas em toda a cidade, as tropas do governo agiram sem piedade: o resultado ficou conhecido como a “Semana Sangrenta”.



Deforet & Cieslar, Edt. Rou-Nism. des Patis. Champ., 64.

J.M. Roussier, s. 1871.

A tomada de Paris, 1871. Litogravura. Museu Carnavalet, Paris, França.



Georges Jules Victor Clairin. *O incêndio das Tulherias em maio de 1871*. Óleo sobre tela, 48 cm x 79 cm. Museu d'Orsay, Paris, França.

Mesmo depois de vencer os rebeldes, a repressão continuou a fazer vítimas: houve milhares de execuções sumárias de presos e exilados. Leia a seguir testemunhos de sobreviventes da repressão à Comuna:

Vinte mil homens, mulheres e crianças mortos durante a batalha ou após a resistência, em Paris, e no interior; pelo menos três mil mortos nas detenções, nas barcaças, nos fortes, nas prisões, na Nova Caledônia, no exílio ou de doenças contraídas no cativeiro; treze mil e setecentos condenados a penas que, para muitos, duraram nove anos; setenta mil mulheres, crianças, idosos privados de seus arrimos ou jogados para fora da França; cento e sete mil vítimas aproximadamente, eis o balanço das retaliações da alta burguesia à Revolução de dois meses, do 18 de março.

LISSAGARAY, Prosper-Olivier. *História da Comuna de 1871*, p. 487. Gallica. Biblioteca Nacional da França (BNF). Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k36518g/f494.image>>. Acesso em: 9 abr. 2014. Tradução: Célia Gambini.



Gustave Boulanger. *Batalha na Praça da Concórdia durante os últimos dias da Comuna, 1871*. Óleo sobre tela. Museu Carnavalet, Paris, França.

Em uma extensão que nos pareceu sem fim, avistamos pilhas de cadáveres. “Recolham todos esses vagabundos”, disse-nos o sargento, “e os coloquem nessas carroças”. Carregamos esses corpos pegajosos de sangue e de lama. Os soldados faziam brincadeiras horríveis: “Olha só que cara isso vai fazer!” e esmagavam alguns rostos com o tacão. Parecia-nos que alguns ainda estavam vivos e avisamos os soldados, mas eles responderam: “Vamos! Vamos! Continuem!”. Certamente, alguns morreram ali. Colocamos mil novecentos e sete corpos nas carroças.

LISSAGARAY, Prosper-Olivier. *História da Comuna de 1871*, p. 525. Gallica. Biblioteca Nacional da França (BNF). Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k36518g/f532.image>>. Acesso em: 9 abr. 2014. Tradução: Célia Gambini.

O que explica tal violência? A justificativa mais provável é que as classes dominantes francesas e europeias sentiram-se aterrorizadas com a experiência da Comuna. Quiseram, então, mandar um aviso para os trabalhadores de toda a Europa: qualquer tentativa de revolução popular seria massacrada sem piedade. O recado foi passado. No entanto, a mensagem dos *comunardos* perdura até os dias de hoje, influenciando as lutas dos trabalhadores durante vários momentos da História dos séculos XIX e XX.



Fuzilamento de *comunardos*. [Alfred-Henri Darjou. *O muro dos Federados no cemitério Père-Lachaise em 28 de maio de 1871*. Técnica mista. Museu Carnavalet, Paris, França.]



© RMN/Reunion des Musées Nationaux/Other Images

Paul Charles Chocarne-Moreau. *Na barricada*. Fotografia exposta no Salão dos Artistas Franceses de 1909. Negativo monocromático em suporte de vidro. Fundo Druet-Vizzavona. Paris, França.



ATIVIDADE 2 A Semana Sangrenta

1 Para você, o que significa dizer que as classes dominantes da Europa se sentiram ameaçadas com a experiência vivida durante a Comuna de Paris?

2 Passados mais de 140 anos da Comuna, o que você acha que os trabalhadores de hoje poderiam aprender com esse movimento?





No começo do século XIX, havia entre as classes dominantes um temor generalizado de que o sufrágio universal pudesse significar uma revolução social.

Com o sufrágio, os trabalhadores, que formavam a maioria da população, poderiam votar em candidatos que defenderiam seus interesses. Como os interesses dos trabalhadores, muitas vezes, contrastavam com os dos capitalistas, imaginava-se que isso ameaçaria a ordem social.

Mesmo com a repressão aos movimentos populares, não seria justamente pela pressão deles que os novos direitos são conquistados?

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - A Comuna

Sua resposta poderia ter apontado três entre as seguintes mudanças políticas:

- Eliminar a burocracia que não funcionava.
- Os membros da administração pública poderiam ter o seu mandato revogado em qualquer momento e não poderiam se perpetuar no cargo.
- A remuneração de um cargo público não poderia ser maior do que a remuneração de um operário qualificado.
- Deveria haver a supressão de qualquer corpo armado diferente da população: extinção do exército.
- Fim da divisão de poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário); a Comuna representaria, ao mesmo tempo, os três poderes, e seria a representação direta do povo.

Atividade 2 - A Semana Sangrenta

1 A resposta é de cunho pessoal. Não há certo, nem errado. O importante é a reflexão. No entanto, é bom lembrar que nos quase dois meses em que a Comuna permaneceu no poder na cidade de Paris, os revolucionários colocaram em ação uma série de medidas que punha em xeque o poder da elite burguesa. Assim, essa elite se sentia ameaçada pela perda do controle político sobre a cidade e pelo risco que as conquistas sociais traziam à concentração de suas riquezas.

2 A resposta é de cunho pessoal. Não há certo, nem errado. No entanto, fica a seguinte reflexão: a Comuna pode ser considerada um grande exemplo até os dias de hoje, pois ela demonstrou ser real a possibilidade de os trabalhadores assumirem o poder político e atuarem em benefício da maioria.

TEMAS

1. Conceito de imperialismo
2. Capitalismo monopolista e práticas imperialistas
3. A partilha do mundo

Introdução

No final do século XIX, o desenvolvimento industrial criou as condições para uma expansão do capitalismo que atingiu vários continentes além da Europa. Esse movimento se caracterizou por um novo processo de expansão colonial europeia, especialmente sobre os continentes africano e asiático.

Outros países em processo de industrialização, especialmente Estados Unidos da América e Japão, também participaram desse movimento de expansão. Os EUA atuaram especialmente sobre a América Latina e o Japão, sobre a região do Pacífico.

Essa expansão foi parte de um movimento muito maior conhecido como imperialismo. Sua principal motivação foi a busca por novas áreas que pudessem ser mercados consumidores dos produtos industrializados europeus, bem como fornecedoras de matérias-primas que seriam transformadas na indústria. Dessa forma, ampliavam-se as possibilidades de negócio para além do mercado europeu e, portanto, as margens de lucro das empresas.

No “Velho Continente”, como também é conhecida a Europa, o desenvolvimento do capitalismo favoreceu concessões econômicas para a classe trabalhadora, que as conquistou por meio de lutas e permanente pressão. Muitos governos integraram os trabalhadores à participação política, fazendo uso do direito de votar e de eleger seus representantes, regulamentaram as condições de trabalho, minimizando a exploração dos trabalhadores, e permitiram a organização de sindicatos.

Com tudo isso, ficou mais interessante para os capitalistas europeus instalarem suas indústrias em países onde a mão de obra fosse mais barata e possuísse menos ou nenhum direito trabalhista, o que facilitaria sua exploração e aumentaria as margens de lucro das empresas. Essa é uma das características dessa movimentação imperialista.

Nesta Unidade, você estudará temas relacionados ao imperialismo.



TEMA 1 Conceito de imperialismo

Neste Tema, você estudará o processo histórico que ficou conhecido como imperialismo e seus efeitos na história do capitalismo.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Antes de começar o estudo desta Unidade, reflita sobre o que você já sabe sobre o assunto.

Quais são as marcas dos produtos que você geralmente consome? Pesquise nos rótulos das embalagens a origem de cada uma dessas marcas. Com base nessa pesquisa, você acha que, no capitalismo atual, as empresas precisam estar instaladas nas mesmas cidades onde vendem seus produtos?

Agora, reflita sobre as seguintes questões:

- Você conhece as marcas dos produtos que você consome?
- As empresas que produzem essas marcas são brasileiras ou têm origem em outro(s) país(es)?
- Você acha que essa reflexão tem alguma relação com o imperialismo, tema desta Unidade? Por quê?

Registre suas ideias nas linhas a seguir.





O que é imperialismo?

Atualmente, a expressão imperialismo refere-se à relação de dominação de um país sobre outro. No caso do Brasil, os Estados Unidos exercem esse controle indireto sobre a economia, a política e a cultura. Desse modo, quando alguém diz “abaixo o imperialismo americano”, está se queixando dessa intervenção estadunidense sobre seu país.

Existe uma segunda maneira de entender o imperialismo: como um dos estágios do capitalismo. A ideia é que, quando o capitalismo atingiu determinado grau de desenvolvimento, ele precisou se espalhar pelo mundo para se fortalecer, e a forma como ele se propagou para atingir seu objetivo foi por meio de uma relação de dominação. Portanto, de acordo com essa visão, embora alguns países tenham sido chamados de “imperialistas”, o centro da questão está no próprio capitalismo e não nos países. Em outras palavras, o que se tornou imperialista foi o capitalismo e não os países.

Esse novo momento do capitalismo caracterizou-se pela concentração e centralização de capital. O que isso quer dizer? Na prática, isso significa que as pequenas e médias empresas, pressionadas pelo poder econômico das grandes corporações, acabam falindo, por não conseguirem concorrer no mercado, ou são compradas pelas grandes empresas, que concentram cada vez mais o capital.

Nesse processo, a **concorrência** cedeu espaço para a realidade das grandes empresas e gigantes multinacionais, que, ao possuírem o controle do mercado, passaram a exercer o **monopólio**. Ao mesmo tempo, essas grandes indústrias foram se associando aos bancos, concentrando ainda mais o capital. Dessa forma, o capitalismo industrial, consolidado na segunda metade do século XVIII e caracterizado pela concorrência entre as indústrias, adquiriu, na segunda metade do século XIX, novas características, entre elas o monopólio.



VOCÊ SABIA?

O capitalismo esteve em crise entre 1873 e 1896, mas isso não impediu que ele se espalhasse.

Existem várias análises que tentam explicar como isso foi possível. Uma delas defende a ideia de que “crise”, para o capitalismo, significa dificuldades para lucrar, podendo ser gerada por vários motivos. Como, nas últimas décadas do século XIX, os negócios em outras regiões do mundo ofereciam novas oportunidades de lucro, eles poderiam ser entendidos como parte de uma saída da crise.

Em outras palavras: se estava difícil lucrar no próprio país, os capitalistas poderiam buscar novas oportunidades de negócio no exterior – principalmente em outros continentes.

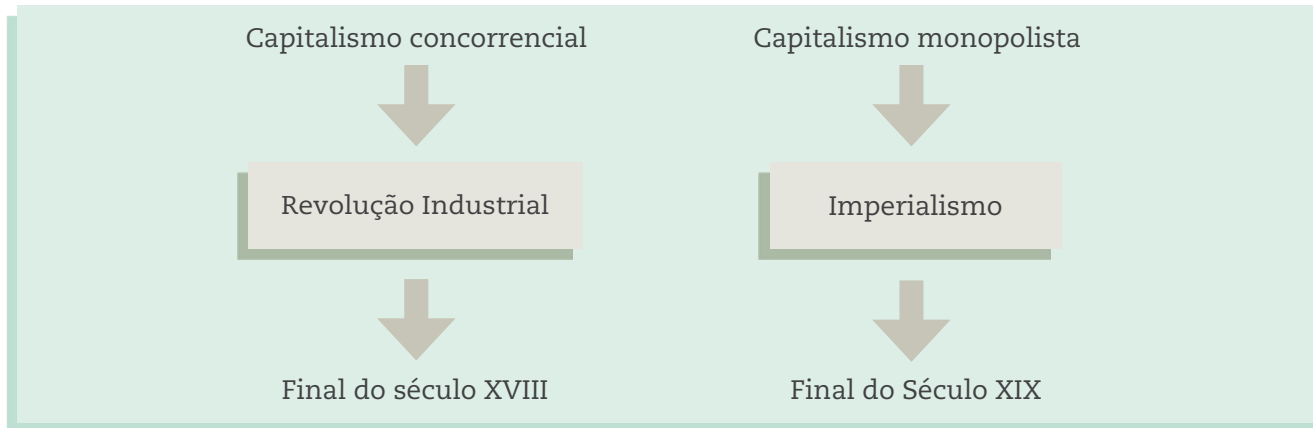


Monopólio

Organização do mercado em que uma empresa detém a exclusividade da produção e comercialização de determinado produto, bem ou serviço.

O imperialismo é, portanto, resultado da consolidação do capitalismo monopolista. Mas, qual é exatamente a relação entre o capitalismo monopolista e o imperialismo?

O capitalismo monopolista é caracterizado por empresas que concentram e centralizam indústrias, bancos, comércios etc. Além de controlar grandes mercados, o capitalismo monopolista depende de enormes fontes de matéria-prima, de mão de obra abundante e barata e de um grande mercado consumidor para manter-se e expandir-se.



Como consequência dessas ações, as grandes nações capitalistas precisam dominar econômica e, muitas vezes, também politicamente várias regiões e territórios espalhados pelo mundo que forneçam esses recursos. Essa dominação de algumas potências capitalistas sobre outras regiões é chamada de imperialismo.

O imperialismo nos dias de hoje

Como você viu, o imperialismo pode ser entendido de dois modos: como a dominação de um país sobre outro ou como um dos estágios do capitalismo monopolista. A situação a seguir pode ilustrar a diferença e a relação entre esses dois entendimentos. Quando um iraquiano, atacado pelo exército dos Estados Unidos, protesta contra o imperialismo estadunidense, ele está falando de algo bastante concreto, pois existem tropas estrangeiras em seu país. É sabido, porém, que há interesses econômicos por trás da intervenção dos EUA no Iraque. Mas será que esses interesses são de todos os estadunidenses?

Certamente, o interesse maior é de alguns negócios, como o setor petrolífero, a indústria militar e a construção civil. Nesse sentido, o principal motor da intervenção militar não é o sentimento nacional dos estadunidenses, mas os interesses econômicos.



FICA A DICA!

Assista ao filme *Syriana* (direção de Stephen Gaghan, EUA, 2005. 127 min). Ele trata de questões políticas e de terrorismo, ambos ligados à indústria do petróleo. Veja-o e associe seu conteúdo ao que você aprendeu no Tema 1.

ATIVIDADE 1 Imperialismo

Observe a imagem a seguir.

A pizza representa o território da China e as pessoas que querem dividi-la representam as nações imperialistas. Na imagem, do fim do século XIX, estão representados, da esquerda para a direita, Inglaterra, Alemanha, Rússia, França e Japão. O homem ao fundo representa a China, que não participa da divisão.



Charge de Henri Meyer. *Le Petit Journal*, 1898. Paris, França.

Agora, responda às seguintes questões:

1 Que relação pode ser feita entre a imagem e o que você estudou até aqui sobre o imperialismo?

2 Assinale “V” para verdadeiro e “F” para falso, em cada uma das sentenças a seguir.

- a) Um dos modos de entender o imperialismo é como uma fase do capitalismo, pois os países que adotam ações consideradas imperialistas o fazem em acordo com interesses econômicos.
- b) O imperialismo é uma prática de colaboração dos países que atingiram um patamar de desenvolvimento avançado em relação àqueles que ainda não conseguiram se estabilizar economicamente.
- c) Do ponto de vista histórico, o imperialismo foi um fenômeno derivado da transformação do capitalismo concorrencial que se iniciou com a Revolução Industrial e cedeu lugar às indústrias multinacionais, entre outros acontecimentos.
- d) O imperialismo foi necessário para que países sem acesso à ciência e à tecnologia pudessem se desenvolver.



DESAFIO

O imperialismo, ou neocolonialismo, como também é conhecido, é constituído por práticas dos Estados Nacionais, que pretendem colocar-se como expansores de seus domínios, controlando outras nações supostamente imaginadas como mais frágeis e mesmo até menos civilizadas.

Sobre o imperialismo das últimas décadas do século XIX, é **correto** afirmar que:

- a) o Brasil foi colaborador da política imperialista na África.
- b) os países latino-americanos, no final do século XIX, em sua maioria ainda colônias das metrópoles, também sofreram com o neocolonialismo.
- c) os Estados Unidos foram o Estado mais ostensivo em sua política imperialista no período citado.
- d) as investidas dos países europeus na expansão de seus domínios foram centradas sobretudo na África e Ásia.
- e) Alemanha e Itália, países há muito tempo constituídos como Estados Nacionais, tiveram papel de destaque no imperialismo do final do século XIX.

Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), 2011. Disponível em: <http://www.vestibular.udesc.br/arquivos/id_submenu/695/prova_objetiva_manha_1_fase.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2014.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Imperialismo

1 Você poderia ter discutido a questão de diferentes maneiras; observe que esta é apenas uma delas. A ilustração de Henri Meyer mostra um grupo de diferentes nacionalidades discutindo a divisão de uma espécie de pizza ou torta, onde se lê a palavra **Chine** (que, em português seria China).

Observe que a maioria das personagens que representam as potências imperialistas da Europa tem uma faca nas mãos e a que representa o Japão tem uma espada. Veja também que atrás, fora da discussão, uma pessoa, aparentemente chinesa, está com os braços erguidos, fora da “divisão”, como se estivesse protestando. Trata-se de uma ilustração que retrata a dominação das potências imperialistas sobre os países asiáticos como parte da política imperialista europeia no final do século XIX.

2 Respostas:

a) **V** Se você assinalou essa alternativa como falsa, observe que:

o desenvolvimento capitalista passou por diferentes fases. No século XIX, o capitalismo concorrencial foi substituído pelo capitalismo monopolista, que necessita de expansão para buscar novos mercados e fornecedores de matéria-prima, o que leva à prática imperialista.

b) **F** Caso você tenha assinalado verdadeiro para essa alternativa, note que:

a motivação principal do imperialismo foi a busca por novas áreas que pudessem se tornar mercados consumidores dos produtos industrializados europeus, bem como fornecedoras de matérias-primas a serem transformadas na indústria. Portanto, as nações imperialistas buscavam áreas em que pudessem estabelecer seu domínio e exploração.

c) **V** Caso você tenha considerado essa afirmativa falsa, preste atenção para o fato de que:

o imperialismo foi um fenômeno que surgiu como consequência da concentração de capitais nas grandes empresas e da necessidade de se conquistar áreas fora da Europa que pudessem ser fornecedoras de matérias-primas e compradoras de produtos industrializados.

d) **F** Se você considerou essa alternativa correta, fique atento que:

a ação imperialista não respeitou a cultura dos povos dominados nem se preocupou em atuar de forma a beneficiar as populações locais. Ao contrário, a ação imperialista visou à conquista e à exploração.

Se você não acertou alguma das alternativas, leia novamente o texto *O que é imperialismo?*

Desafio

Alternativa correta: **d**. As investidas dos países europeus na expansão de seus domínios foram centradas sobretudo na África e na Ásia. Essa alternativa destaca a ação imperialista europeia sobre a África e a Ásia. Observe que o teste apresentado como desafio procura verificar os seus conhecimentos sobre o imperialismo. A alternativa **a** coloca o Brasil como país que atuou de forma imperialista na África. Na verdade, o Brasil, país recém-independente na América Latina, sofreu a ação imperialista da Inglaterra no século XIX. Dentro desse mesmo contexto, lembre que os países latino-americanos, no século XIX, haviam rompido a relação colonial que tinham com as suas metrópoles, por isso a alternativa **b** é incorreta. Já a alternativa **e** afirma que a Alemanha e a Itália eram Estados Nacionais antigos, o que não é verdade. Como você estudou, esses dois países se formaram tardiamente no continente europeu, somente no final do século XIX.

Neste Tema, você conhecerá como o capitalismo se organizou na fase monopolista. Para tanto, identifique as principais práticas imperialistas e como elas influenciaram a economia de diferentes países.

Procure observar que os processos históricos trabalhados neste Tema são importantes para entender não apenas a situação econômica atual, mas também o impacto que ela exerce na sua vida.

O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Uma das práticas imperialistas da atualidade é o processo de fusão de empresas.

- Você já ouviu falar em fusão de empresas?
- Lembra-se de alguma fusão entre empresas no Brasil ou no mundo?
- Em relação às fusões que você conhece, quais foram as consequências desse processo?

Escreva, a seguir, o que você conhece sobre esse assunto. Se você já trabalhou em alguma empresa que sofreu um processo de fusão com outra empresa, registre suas percepções sobre essa experiência.

Capitalismo monopolista

A motivação para a expansão do capitalismo pelo mundo, embora seja um assunto polêmico, não é difícil de ser entendida. Ela resulta de duas tendências do capitalismo monopolista: a concentração e a centralização de capitais.

O que é a concentração de capital?

Uma das maneiras de se concentrar capital é aumentando a quantidade de bens, ou seja, o patrimônio de uma empresa. Isso acontece quando uma empresa compra novos equipamentos para ampliar sua produção.

No caso do trabalhador, por exemplo, imagine que uma costureira assalariada compre uma máquina de costura. Dessa forma, ela vai acumular patrimônio porque adquiriu o equipamento e porque ela pode, fora do expediente, fazer pequenos serviços e receber por eles; além de vender, mensalmente, a própria força de trabalho em troca de um salário.

A concentração do capital também pode ser resultado de um processo complexo, mas fácil de compreender: capital gera mais capital. Isso se dá porque uma parte do lucro do capitalista pode ser investida na ampliação do negócio. Por exemplo:

- Uma fábrica investe R\$ 2,00 para produzir mercadorias, que vende por R\$ 4,00.
- Os R\$ 4,00 obtidos da venda das mercadorias são divididos do seguinte modo:
 - R\$ 3,00 são reinvestidos na produção;
 - R\$ 1,00 sobra para o dono da fábrica.
- O ciclo recomeça, mas dessa vez o capitalista terá R\$ 3,00 para investir (e não R\$ 2,00); ou seja, seu capital aumentou. Desse modo, ele produzirá mercadorias que poderá vender por R\$ 6,00, e, assim, sucessivamente.

Com isso, você tem uma ideia do que é a **concentração de capital**: ela significa o aumento do volume do capital.

O que é a centralização de capital?

A centralização de capital é resultado da concorrência entre patrimônios, na qual as empresas maiores compram as menores.

Por que isso acontece? Na disputa entre as empresas pela obtenção dos mercados, quem é maior produz mais barato, pois tem ganhos de escala, ou seja, pode vender uma quantidade grande de mercadoria.

Como assim? Muitos gastos de uma empresa serão os mesmos quando o negócio cresce: o aluguel de um galpão não será diferente se tiver uma, duas ou dez máquinas funcionando; uma empresa maior pode negociar descontos na compra de matérias-primas, uma vez que precisa de maiores quantidades delas; e assim por diante. Essa situação é chamada de ganhos de escala.

Mas não é só isso. Uma grande empresa tem outros recursos para “quebrar” seus concorrentes e comprá-los. Devido a seus altos lucros acumulados, ela tem condições de vender seus produtos, por um determinado período, com preço reduzido e forçar o prejuízo do rival. Essa estratégia funciona porque a empresa recupera o lucro quando o concorrente deixa de existir.

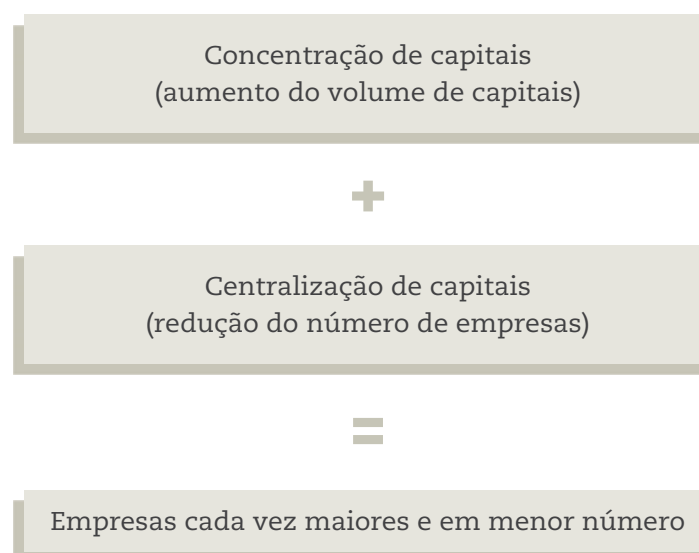
Quando ocorre uma crise, geralmente a empresa grande tem mais meios de sobreviver. Um exemplo é a maior facilidade que ela tem para conseguir crédito bancário. Muitas vezes, ela aproveita esses momentos para comprar a preços baixos os negócios dos concorrentes que enfrentam dificuldades.

Independentemente dos meios, existe uma tendência no capitalismo: as empresas grandes ficam maiores e as menores são absorvidas pelas maiores. É o processo chamado **centralização de capital**.

A longo prazo, se for mantido esse movimento de centralização, haverá menor quantidade de grandes empresas dominando os mercados de diversas regiões do planeta. Essas empresas terão um número cada vez mais reduzido de concorrentes e, por isso, poderão se aproximar de uma situação de monopólio.

A concorrência e o monopólio

De acordo com o que você estudou até aqui, os processos de concentração e centralização se associam e se reforçam, isto é, os processos de concentração de capitais em algumas grandes empresas se associam à redução do número de empresas no mercado, resultando na seguinte tendência:





Quando isso acontece no capitalismo, diz-se que não é mais a concorrência que prevalece no mercado, mas o monopólio, já que pequenas e médias empresas não conseguem concorrer com as grandes. Formam-se as grandes corporações, que tendem a absorver várias marcas que antes competiam entre si.

ATIVIDADE 1 As práticas do capitalismo monopolista

Faça um resumo do texto *Capitalismo monopolista*, destacando as características de cada uma das práticas estudadas: concentração e centralização de capital.

Lined area for writing a summary of the text.





O imperialismo em fatos concretos

Existem diversas leituras sobre o imperialismo. Uma das interpretações mais conhecidas, e que você estudou no Tema 1, foi proposta por Vladimir Ilitch Ulianov, mais conhecido como Lenin, marxista russo que procurou entender esse fenômeno no começo do século XX. Para ele, o imperialismo é a fase superior do capitalismo, quando a produção é tão grande que a livre-concorrência deixa de existir e é substituída pelos grandes monopólios.

Um bom exemplo para entender o que são os grandes monopólios é observar, no dia a dia, a ação das grandes multinacionais. Elas nada mais são do que as grandes corporações, ou seja, as empresas gigantescas que se formam atravessando as fronteiras de diferentes países e que controlam os grandes mercados mundiais.

Além disso, Lenin destacava que outra característica do imperialismo é a fusão (união) do capital bancário com o industrial, chamada de capitalismo financeiro.

Em fatos concretos, o aumento de capitais, a formação das grandes empresas e o aumento da produção dessas empresas levaram ao esgotamento dos próprios mercados europeus. Isso explicaria a necessidade delas de exportar capitais para fora da Europa, bem como conquistar territórios em outros continentes. Foi nesse contexto que as grandes potências europeias partilharam a África e a Ásia no final do século XIX.



VOCÊ SABIA?

Você conhece o jogo “**Monopoly**”, no Brasil também chamado de “**Banco Imobiliário**”? Nesse jogo, os participantes compram e vendem propriedades. Com o passar das rodadas, aqueles que conseguem comprar mais dessas propriedades causam a falência dos que têm menos. Desse modo, o jogo reproduz a dinâmica do próprio capitalismo. Por esse motivo, seu nome original é “**Monopoly**”.

ATIVIDADE

2

Holding, uma forma de concentração de capital

Como você estudou, uma das características do imperialismo é a concentração de capitais. É importante saber que existem diferentes formas de concentrar o capital. Uma delas é por meio da *holding*. A seguir, é apresentada uma definição desse termo. Com base nela e observando as mercadorias que você consome, identifique uma *holding*.

“*Holding* – formada por uma empresa que controla uma série de outras empresas do mesmo ramo ou de ramos diferentes. Esse controle acontece porque essa grande empresa tem o controle da maior parte das ações das empresas menores.”



Agora, preencha o quadro a seguir com os seguintes dados:

- nome da *holding*;
- qual é/são a(s) empresa(s) que ela controla em dois ramos distintos (por exemplo, ramo alimentício, ramo de higiene etc.).

Diagrama de estrutura organizacional para preencher:

```
graph TD; Holding[ Holding: _____ ]; Holding --- Ramo1[ Ramo _____ ]; Holding --- Ramo2[ Ramo _____ ];
```

Abacaxi

Dois grandes retângulos de linhas horizontais para anotações, um sob cada ramo.



Fusão de negócios industriais com bancos

No capitalismo monopolista, os negócios não apenas se concentram, mas também misturam os ramos de atividade. Por exemplo: um banco pode possuir terras, grandes indústrias podem se associar a bancos, e assim por diante. Além disso, o capital industrial e o capital bancário se combinam, dando origem ao que se chama de capital financeiro.

A partir do século XIX, grandes empresas ligadas à exploração do petróleo, à siderurgia e à eletricidade, entre outras, passaram a exigir volumes de capital extraordinários, impossíveis de serem obtidos com recursos próprios. Por isso a fusão com o capital bancário foi necessária. Os bancos passaram a financiar essas atividades, bem como a controlar muitas das ações dessas empresas.

Exportação de capitais

Quando as grandes empresas esgotam suas possibilidades de ampliação de negócios no país de origem, elas precisam expandir seus mercados, investindo em outros países.

Uma empresa que tem fábricas em outros países é uma multinacional, formação que, como já foi explicado, começou a ser adotada por capitalistas no final do século XIX.

Essas empresas não precisam apenas de mercados, mas também de matérias-primas em grande escala. Por esse motivo, no final do século XIX, muitos países menos desenvolvidos se especializaram na produção de alguns gêneros para exportação, como café no Brasil, trigo e carne na Argentina, cobre no Chile etc.

Com isso, começou a ser desenhada uma divisão internacional da produção, de acordo com a qual alguns países exportavam produtos industrializados e outros, matérias-primas.

Um fator importante dessa nova configuração econômica é que muitos dos negócios multinacionais precisam passar pelo controle do Estado. Nesse caso, existem duas modalidades principais, pois com o capital internacional, isto é, o dinheiro investido em outro país por uma empresa ou grupos de empresas, inclusive bancos, pode-se:

- obter uma concessão (licença) para operar um serviço ou explorar uma área, como iluminar uma cidade e cobrar tarifa ou explorar petróleo;
- emprestar dinheiro para o Estado, que deverá pagá-lo, posteriormente, com juros. A dívida externa de um país surge dessa prática.



ORIENTAÇÃO DE ESTUDO

Você pode criar suas hipóteses, ou seja, suas suposições sobre o assunto estudado. É importante o registro das hipóteses para que depois você possa comprová-las ou negá-las na *Hora da checagem*. Retome essas respostas para verificar a ampliação do seu conhecimento, respondendo à seguinte pergunta: O que eu não sabia e aprendi com esse estudo?

ATIVIDADE 3 Multinacional

A expansão do capitalismo, no século XIX, permitiu que empresas com sede em seu país de origem pudessem se expandir e atuar em outros países por meio da instalação de filiais. Originalmente, são chamadas multinacionais. Atualmente, há quem prefira o termo transnacional, uma vez que a empresa atua além de suas fronteiras nacionais.

Observe que, no Brasil, há a presença de muitas dessas empresas transnacionais. Pesquise em jornais, ou mesmo em estabelecimentos comerciais, como supermercados, e descubra pelo menos cinco empresas multinacionais que atuem no Brasil. Em seguida, identifique o ramo de atuação de cada uma delas.

FICA A DICA!

Assista ao documentário *A corporação* (*The corporation*, direção de Mark Achbar, Jennifer Abbott e Joel Bakan. EUA, 2003. 145 min). Ele aborda a influência e o poder das grandes empresas, desde suas origens até as atividades exercidas por elas atualmente. Veja-o para que você possa complementar seus estudos sobre o processo de formação das multinacionais.



HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - As práticas do capitalismo monopolista

Seu resumo poderia ter sido feito de várias formas, mas, para que sua resposta esteja correta, você precisaria ter escrito algumas das seguintes características sobre as práticas do capitalismo monopolista:

- quanto à concentração de capital: aumento do patrimônio, isto é, do volume de capital. Isso pode ser feito por meio da compra de novos equipamentos para ampliar a produção ou por meio do uso de parte do lucro para reinvestir na produção.
- quanto à centralização de capital: compra das empresas menores pelas maiores. Isso ocorre porque, ao concorrerem no mercado, as empresas maiores têm condições de vender mais barato e em escala mais ampla do que a empresa menor, tomando, portanto, a fatia de mercado desta última. Desse modo, a empresa menor entra em crise e é comprada pela maior por um valor mais barato. Assim, as grandes empresas, com o tempo, podem monopolizar o mercado.

Atividade 2 - Holding, uma forma de concentração de capital

Você pode ter observado que uma empresa pode fabricar diferentes produtos, de alimentação à higiene. Nos últimos anos, observe que as grandes redes de supermercados têm comercializado produtos com a sua própria marca.

Atividade 3 - Multinacional

Você pode ter chegado a algumas respostas. Uma possível é a que cita o fato de diferentes produtos, de diversas marcas, serem originários de vários países distintos. Em se tratando de aparelhos eletrônicos, por exemplo, é muito provável que os produtos que você possui tenham sido produzidos na China. Em geral, você encontrará as expressões *Made in China* ou *Made in Taiwan* (que pertence à China).



Registro de dúvidas e comentários



Lined writing area with horizontal lines.





Neste Tema, você aprenderá como o desenvolvimento do capitalismo provocou, ao longo do século XIX, um novo processo de colonização de territórios pertencentes à Ásia, à África e à América Latina.

 **O QUE VOCÊ JÁ SABE?**

Você já deve ter percebido a mania que muitos brasileiros têm de achar que tudo que vem de fora do país é melhor, não é mesmo?

Mas será que isso é verdade? Por que será que essa imagem de que os europeus e os estadunidenses são superiores e de que os brasileiros têm de se submeter a eles ficou gravada na cabeça de tantas pessoas?

Escreva, nas linhas a seguir, o que você sabe sobre esse assunto.

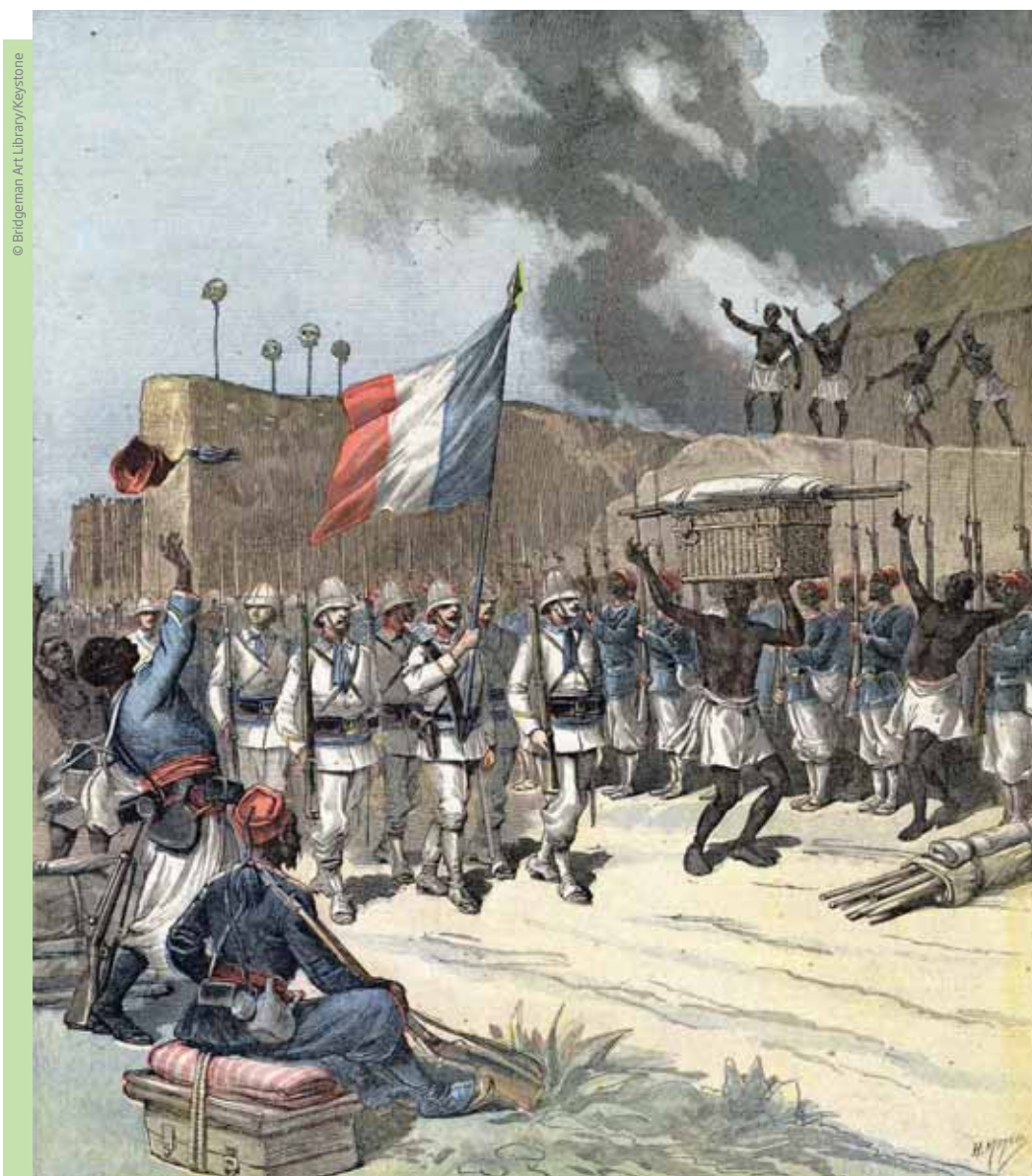


A expansão do imperialismo

A história da chegada do capitalismo a outros países e outras regiões fora da Europa nem sempre aconteceu pacificamente. Quando encontravam resistência, muitas vezes, os países capitalistas adotavam a guerra como meio de abrir portas para seus negócios.

Por esse motivo, a Inglaterra, que era a grande potência mundial no século XIX (como os Estados Unidos são hoje), envolveu-se em conflitos em todos os continentes.

Assim, como já foi visto, a expansão do capitalismo pelo mundo deu início a uma nova colonização, baseada em relações capitalistas, que ficou conhecida como “imperialismo” ou “neocolonialismo”.



Jornal francês *Le Petit Journal*, final do século XIX. A colonização europeia é reproduzida conforme a visão eurocentrista: soldados levantam a bandeira francesa, afirmando o domínio europeu, e, ao fundo, a fumaça sugere que a colonização não foi pacífica.

No tempo das Grandes Navegações, entre os séculos XV e XVI, as colônias europeias eram usadas para produzir matérias-primas para o mercado europeu. Já a colonização do século XIX, motivada pelo capitalismo monopolista e financeiro, tinha como objetivo fundamental ampliar negócios capitalistas, transformando as colônias não só em fornecedoras de matérias-primas, como também em mercados consumidores de alguns dos produtos industrializados europeus.

Ingleses e franceses, por exemplo, estabeleceram, durante todo o século XIX e a primeira metade do século XX, na Ásia e na África, as instituições necessárias para a dominação, que geralmente combinavam governo, exército e negócios.

Em alguns lugares, como na América Latina, a presença dos negócios internacionais (principalmente ingleses e estadunidenses) não exigiu dominação colonial, pois esse continente já estava mais ocidentalizado e inserido na economia capitalista. No entanto, em outras partes do mundo, o caminho foi aberto por meio da guerra.

O Ocidente na Ásia

A região da Índia, onde os portugueses tiveram feitorias (entrepostos comerciais, geralmente fortificados e instalados em zonas costeiras) entre os séculos XVI e XVIII, foi colonizada pela Inglaterra no século XIX. Na realidade, a Índia não era um país unido, mas sim composto de diferentes reinos, línguas e etnias. Para estabelecer sua dominação, os ingleses souberam explorar a seu favor a rivalidade entre os diferentes reinos, assim como as tensões entre diferentes grupos sociais.



Indianos carregando um inglês em um palanquim em 1922.



Os ingleses tiveram forte presença na Índia desde o século XVIII, situação que causou diversas revoltas entre os indianos. A principal delas foi a **Guerra dos Cipayos** (“cipayos” era o nome dado aos soldados indianos), em 1857. Os rebeldes foram reprimidos em 1859 e a Índia passou a ser administrada diretamente pelos ingleses.



© American Art Association of New York/Biblioteca do Congresso, Washington, EUA

Execução de rebeldes cipayos pelas tropas britânicas. Fotogravura da pintura de Vasily Vereshchagin, c. 1884. Biblioteca do Congresso, Washington, EUA.



VOCÊ SABIA?

Em 1841, os ingleses provocaram uma guerra para forçar o livre-comércio com a China. Esse conflito ficou conhecido como a Guerra do Ópio. Os ingleses, que produziam ópio em grande quantidade na Índia, forçaram a legalização da droga no território chinês. O ópio é uma droga feita com base em algumas espécies da papoula e provoca euforia, seguida de cansaço físico e mental.

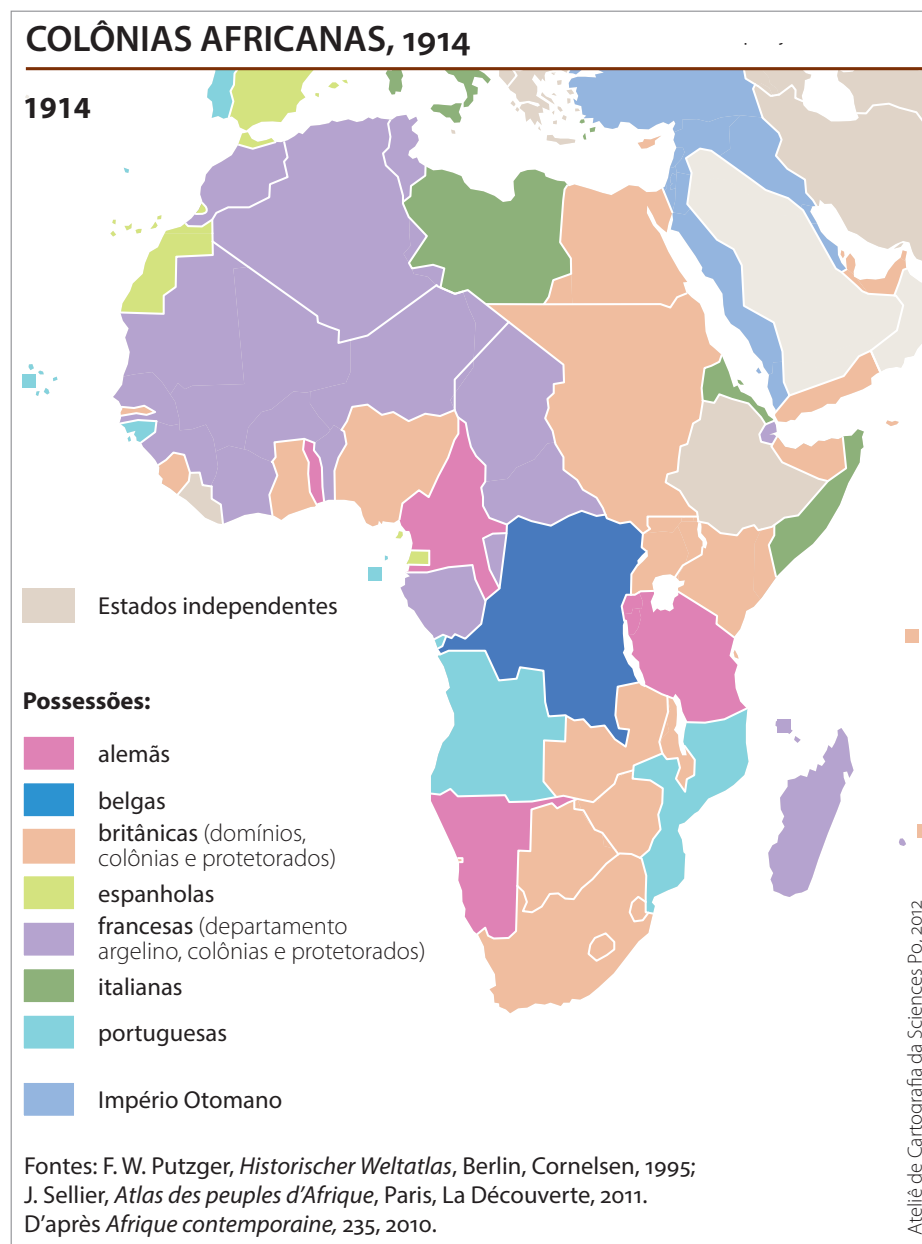
Em 1839, as autoridades chinesas haviam jogado 20 mil caixas de ópio ao mar. Em resposta, a Inglaterra exigiu indenização. Como a China não aceitou, os ingleses declararam guerra. Derrotada, a China assinou o **Tratado de Nanquim**, abrindo seus portos ao livre-comércio e entregando a ilha de Hong Kong à Inglaterra. O vício do ópio difundiu-se entre os chineses, e Hong Kong só foi devolvida à China em 1997.



A divisão da África

Entre 1884 e 1885, 14 países europeus, além dos Estados Unidos e da Rússia, reuniram-se na cidade alemã de Berlim. Eles pretendiam entrar em acordo sobre a “partilha da África” entre os países presentes, pois o continente africano era rico em matérias-primas e recursos minerais, além de ser um potencial mercado consumidor dos produtos das indústrias europeias.

A partilha foi feita de acordo com a relação de forças entre os países na época: Inglaterra e França ficaram com as maiores áreas. A Alemanha, país recentemente unificado e que estava em ascensão econômica e militar, também foi contemplada com diversas colônias, embora não tivesse ficado satisfeita com essa partilha. Países menores não receberam territórios.



ATELIER de Cartographie de Sciences Po. Disponível em: <<http://cartographie.sciences-po.fr/fr/colonies-et-independances-africaines>>. Acesso em: 2 jun. 2014. Tradução: Benjamin Potet. Mapa original.



Portugal foi uma exceção, pois mantinha ocupações na África desde o tempo das Grandes Navegações, no final do século XV, e possuía territórios nos quais seu domínio já estava consolidado.

Veja, na página anterior, como ficou o mapa da África depois da Conferência de Berlim. Nele, é possível notar que diversas fronteiras são linhas retas. Isso significa que elas não seguem nenhum marco natural – um rio ou uma montanha –, como é comum acontecer. Trata-se de um sinal de que as fronteiras foram desenhadas com réguas e esquadros, baseando-se em acordos políticos.

A partilha da África trouxe diversas consequências para os povos desse continente.

Em primeiro lugar, essa divisão não respeitou a história nem os vínculos étnicos e familiares dos habitantes locais. Como resultado, muitas etnias ficaram divididas em vários países. O contrário também aconteceu: etnias diferentes e, muitas vezes, que viviam conflitos históricos, foram reunidas em um mesmo território. Essa situação está na raiz de muitos conflitos étnicos que se estendem no continente até os dias atuais.



Soldados ingleses junto à esfinge durante a ocupação do Egito (c. 1870-1899).



Em segundo lugar, a colonização da África fortaleceu o racismo: muitos colonizadores justificaram sua empreitada com ideias de superioridade racial. Hoje, sabe-se que essa ideia é totalmente sem fundamento, mas, naquela época, houve quem procurasse dar validade científica a essas teses.

Para a maioria dos europeus do final do século XIX, a “superioridade da raça branca” era uma verdade indiscutível. Apesar de essas ideias já terem sido contestadas há muito tempo, esse mito ainda traz consequências nefastas para o mundo atual. Um exemplo disso é o racismo de uma forma geral e a xenofobia (aversão a estrangeiros), presentes principalmente nos EUA e nos países da Europa.

FICA A DICA!

Assista ao filme *Hotel Ruanda* (*Hotel Rwanda*, direção de Terry George. Canadá, 2004. 128 min). Ele conta a história real de um gerente de hotel que abrigou perseguidos durante a guerra civil de Ruanda, em 1994, entre tutsis e hutus. Você poderá perceber que ele é uma forte representação dos horrores causados pela guerra em um país e, principalmente, nas pessoas. Vale a pena vê-lo!

ASSISTA!

História – Volume 2

A partilha da África

O vídeo, que você recebeu com o material, apresenta a ação imperialista europeia sobre a África no final do século XIX, destacando a partilha do continente entre as grandes potências europeias. Ele relaciona a divisão do continente aos problemas africanos atuais, entre eles a miséria e os conflitos étnicos.

PENSE SOBRE...

Os países africanos ainda convivem com as fronteiras artificiais derivadas da ação imperialista do século XIX. É importante observar que o continente africano continua rico em recursos minerais como cobre, ouro, zinco, diamantes e petróleo, recursos que, para serem explorados, dependem de tecnologia de exploração. As empresas estrangeiras, como as grandes petrolíferas e empresas de extração de diamantes, continuam a explorar a África e, muitas vezes, intervêm diretamente nos governos dos países onde atuam.

Em sua opinião, essa intervenção na África nos dias atuais é favorável para a população africana?

ATIVIDADE 1 Colonialismo e ideologia

Cecil Rhodes (1853-1902) foi um dos mais conhecidos agentes do colonialismo inglês no final do século XIX. Seus negócios no sul da África adquiriram tamanha proporção que deram seu nome a um país da região: a Rodésia, cujo nome foi mudado em 1980 para Zimbábue.

Observe a charge a seguir, que representa o colonialista Cecil Rhodes segurando a linha telegráfica que se estendia do Egito até o sul da África.



“O Colosso de Rhodes - avançando da Cidade do Cabo ao Cairo.”

Agora, leia atentamente o texto a seguir, escrito por Rhodes.

O mundo já está totalmente loteado, e o pedaço que sobrou está sendo dividido, conquistado e colonizado [...]. Eu conquistaria os planetas, se pudesse, sempre penso nisso. Entristece-me vê-los tão claros e ainda tão distantes.

Apud: HUBERMAN, Leo. *Man's Worldly Goods: the story of the wealth of nations*. The Leo Huberman People's Library, p. 268. Tradução: Eloisa Pires.



Nesse texto, Rhodes faz referência ao “loteamento do mundo”. Tendo em vista o que você está estudando sobre o imperialismo do final do século XIX, o que ele quis dizer ao afirmar: “o mundo já está totalmente loteado”? Que áreas estavam sendo loteadas? Por que ele tinha tanto interesse em conquistar outras regiões?

Lined writing area with horizontal lines for text entry.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Colonialismo e ideologia

Você deveria ter observado que Rhodes lamentava o fato de não haver mais regiões que pudessem ser conquistadas, afirmando que, se pudesse, colonizaria os demais planetas do Sistema Solar, se eles não estivessem tão distantes.

Rhodes se referia aos interesses das grandes potências europeias e de seus agentes em conquistar territórios fora da Europa para que fossem capazes de estabelecer seus domínios e expandir o capitalismo, seja obtendo matérias-primas e recursos minerais, seja conquistando mercados consumidores. Lembre-se de que, no final do século XIX, a África e parte do território asiático foram partilhados pelas grandes potências europeias.



